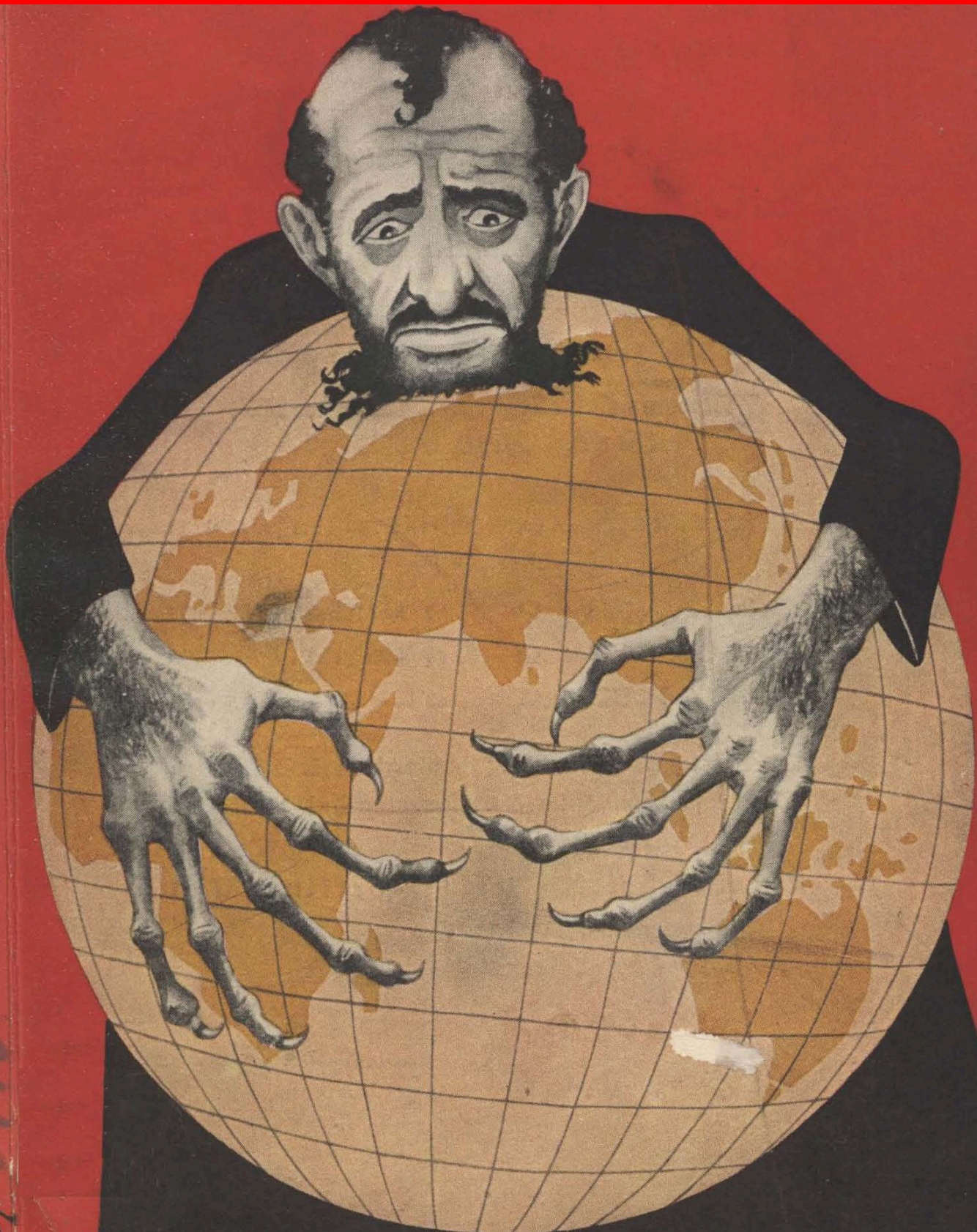
DR. JOHANN VON LEERS

Como o Judeu acumulou Riquezas?

Como o Judeu acumulou Riquezas ?

do

Prof. Dr. Johann von Leers

THEODOR FRITSCH VERLAG / BERLIN NW 40

Nota do tradutor:

A presente obra foi traduzida do original em Alemão com o título " Wie kam der Jude zum Geld" o qual não daria um panorama mais amplo da riqueza gerada, por isso a palvra "dinheiro" foi substiuida por "riqueza".

Infelizmente a pagina 58 esta incompleta.

Rogerio Barreto
2024

Druck: Bibliographisches Institut AG., Leipzig

A solução da questão Judaica para o povo
Alemão assim como para todos os outro povos
é uma questão vital. Esse conhecimento é uma
das pedras angulares da visão de mundo
Nacional-Socialista. Se alguém quer se defender
contra o judeu, deve conhecê-lo, deve saber qual
é seu caráter, seus métodos e seus objetivos.
Contribuir para esse esclarecimento sobre os
judeus é o objetivo e a tarefa da presente série
de publicações, cujo conteúdo diz respeito a
todos os compatriotas.

Dr. Wilhelm Ziegler
Conselho Ministerial

Iniciação

Um dos momentos mais importantes no tratamento da questão judaica em todos os países europeus é o fato de que os judeus são um povo extraordinariamente próspero em comparação com outros povos - pelo menos no que diz respeito à Europa Ocidental e Central e à América; mas também nas massas de judeus na Polônia, Lituânia e Romênia além de muita pobreza e numerosas pessoas lascivas quase sem qualquer base de subsistência, há uma grande quantidade de modesta riqueza e um grupo bastante considerável de grande riqueza judaica.

A riqueza dos judeus permite-lhes comprar repetidamente políticos deste e daquele país, influenciar a opinião pública em países democráticos, ganhar poder sobre os estados através da economia. Mas sua riqueza também os mantém no país. Uma vez que eles estão se esforçando para apresentar essa propriedade como sua propriedade legítima, já que todo Estado se esquiva, com razão, de abrir buracos no conceito de propriedade, ainda mais, por exemplo, acessando a propriedade legal e moralmente irrepreensível, do que fez confiscando a propriedade privada alemã durante a guerra, o roubo mais escandaloso e o abalo mais irresponsável do senso de justiça de todos os tempos já atingido, os Judeus podem sempre, quando lhes é sugerido emigrar, levantar a objeção de que eles não estão em condições de realmente liquidar suas grandes fortunas, e mesmo que tenham sucesso, a grande dificuldade surgiria sem prejuízo para a economia nacional,quem quer se livrar dos Judeus, transfera esses bens para o exterior. Para o judaísmo, sua riqueza é sua espada, com a qual tenta conquistar o domínio mundial, pelo menos uma espada muito importante em seu arsenal - e é ao mesmo tempo seu escudo, atrás do qual se esconde quando buscamos a sua identidade . Sua riqueza é o recuo do Judaísmo, atrás da qual ainda se protege, mesmo que tenha perdido sua influência política em um país; Mesmo assim, ele ainda tem o controle de uma parte significativa da economia nacional dos povos não-judeus e ainda oportunidade de influenciar e prejudicar esses povos, causar perturbações econômicas com repercussões políticas, se lhe for negada influência direta na política e na opinião pública. Através de sua riqueza, o judaísmo primeiro adquiriu a igualdade social, até que a igualdade cívica se abriu para ele - ele se retira para sua riqueza como uma posição de retirada, onde seu plano de forçar os outros povos completamente sob seu governo falhou no momento, e ele acredita que é necessário respirar até um novo ataque em sua luta para subjugar todos os povos sob o governo prometido por Yahweh. Sua riqueza é a espada, escudo, castelo e fortaleza do Judeu. Portanto, talvez seja esplêndido e correto examinar a raiz dessa riqueza.

Riqueza judaica na época de seu próprio estado

Uma parte da riqueza judaica naquela época, quando os judeus na Palestina tinham seu próprio estado e gozavam de uma independência exagerada sob Salomão, certamente se baseava no comércio para o qual a Palestina convidava o país de trânsito; Então Salomão trouxe algo de Tiro para os artistas que sabiam trabalhar em ouro, prata, ferro, minério, pedra, bem como em madeira, vermelho e azul "roupas de cor púrpura, linho e carmesim" (2 Crônicas 2), assim como o tempo em geral Salomão é descrito como um período de prosperidade. No entanto, isso não pode ter sido baseado no artesanato e no trabalho, porque em comparação com a construção do próprio Carpinteiros estrangeiros de Tiro e Sidon tiveram de ser trazidos para os então grandes edifícios dos reis egípcios e os grandes estados da Mesopotâmia no bastante modesto templo de Jerusalém, porque os judeus evidentemente não entendiam esse trabalho. Certamente o comércio de escravos também desempenhou um papel desde o início - mas era legal no antigo Oriente Próximo e os lucros dele não podem ser atribuídos ao judaísmo da época.

Mas então ouvimos também outros tons, que de repente nos mostram que mesmo então havia uma ampla camada de exploradores na Palestina, que se agachavam sobre as pessoas que praticavam a agricultura e se tornavam ricos com a usura: "Ai daqueles que enfileiram casa após casa, campo depois do campo de volta, até que não haja mais lugar, e foi levado ao ponto de você morar sozinho no campo!" exclama o profeta Isaías (Isaías 5:8). No estado de Jerusalém, acima de tudo, há sete desses exploradores, e o profeta Isaías grita com eles: "Os bens roubados dos pobres estão em seus montes! Por que expulsas o meu povo e esmagas os aflitos? Porque as mulheres de Sião cavalgavam alto, esticando o pescoço enquanto andavam, lançando olhares atrevidos, sempre dançando e tinindo suas tornozeleiras, o Senhor tornará as cabeças das mulheres de Sião sarnentas..." (Isaías 3: 14-17). Exatamente na capital Jerusalém estavam tais exploradores e suas esposas, de quem o Profeta desenha uma imagem que parece ter sido tirada da Kurfürstendamm.

O profeta Amós "um pastor da estepe de thekoa", ou seja, um beduíno - pergunta-se como esse homem quase antijudaico entrou no Antigo Testamento e entre os profetas - torna-se ainda mais claro: "ouvi isto como vós, necessitados e arruinar os necessitados da terra, pensando: Quando passará a lua nova, para que possamos negociar grãos, e quando o sábado, abrirmos grãos, reduzirmos a medida,

Kurfürstendamm: Avenida comercial no centro de Berlim.

acrescentando peso e falsificação de mercadorias, que compramos o pobre com dinheiro, e o necessitado por um par de sapatos, e trocamos por miudezas" (Amós 8:4-6). Sim, ele afirma abertamente que não são todos os pessoas na terra que agem desta forma, mas apenas os israelitas": "Diz Yahweh! Por causa dos três ou mesmo quatro ultrajes dos israelitas não os desfarei, porque vendem os justos por dinheiro e os necessitados por um par de sapatos, os que cobiçam migalhas de terra sobre a cabeça dos humildes e trazem infortúnio aos humildes" (Amós 2, 6-7). Assim, ele os repreende com usura, vendendo como escravos os justos e pobres, que lhes devem uma pequena quantia que vale um sapato, mesmo com os cemitérios Negociando, porque é assim que a palavra "migalhas de terra sobre a cabeça dos pequeninos" deve ser entendida.É então também muito significativo que uma escolha muito conspícua seja feita na deportação dos judeus para a Babilônia. Diz especificamente: e Nabucodonosor levou embora todo o Israel e todos os governantes e soldados; Dez mil foram levados, e todos os ferreiros e serralheiros; nada restou senão os humildes da terra" (2 Reis 24, 14-15 e 25 11-12). Diz corretamente aqui Sombart (Die Juden und das Wirtschaftsleben, Munique 1928): "As pessoas reais do campo não estavam entre eles." Foi a classe mercantil do país, os latifundiários e grandes proprietários de terras do país que emigraram ou foram levados. Na Babilônia, de qualquer forma, os judeus eram muito ativos no comércio e empréstimos, como testemunham documentos cuneiformes de Nipur, os arquivos em tábuas de argila do banco babilônico Murraschu e Filhos, a riqueza desses judeus na Babilônia também é mencionada no Antigo Testamento. O próprio Testamento (Esdras 1:4; Zacarias 6, 10-11); Parece até que esse grupo dirigente, que formava o núcleo das antigas tribos de Moisés e já havia sido uma classe exploradora na Palestina, havia finalmente feito a transição do tipo artesanal de pequena escala para o atacadista e usurário.

Em 586 Jerusalém foi conquistada e a maior parte dos judeus levados - em 538 a.C. AC, ou seja, depois de quase 50 anos, o vitorioso rei Perse Ciro permitiu que os judeus voltassem para casa em Jerusalém. O "primeiro sionismo" sob Esdras, depois sob Neemias, estava se movendo em direção a Jerusalém.

É impressionante que a população daquela época não estivesse nada feliz com a volta dos "parentes", mas se defendeu tão desesperadamente quanto os árabes fazem hoje. Isso também sugere que a maioria deles consistia nos remanescentes da população cananéia. E aqui ouvimos pela primeira vez, no sermão do profeta conscientemente judeu Neemias, algo muito preciso sobre as reais condições sociais e a riqueza dos judeus: "E um grande clamor se levantou do povo e das mulheres contra eles irmãos , os judeus. E houve quem dissesse: Nossos filhos e nossas filhas, nossos são muitos: façamos trigo e comamos, para que vivamos.

E houve quem dissesse: Devemos hipotecar nossos campos e nossas vinhas e nossas casas para que possamos produzir grãos para a fome." "E houve quem dissesse: Pedimos dinheiro emprestado para os impostos do rei sobre nossos campos e nossas vinhas... e eis que devemos sujeitar nossos filhos e nossas filhas à escravidão, e não temos riquezas em nossas mãos e nossos campos e nossas vinhas pertencem a outros."

Então fiquei muito zangado quando os ouvi gritando e falando isso. E meu coração estava perdido dentro de mim e briguei com os nobres e os governantes e lhes disse: Você está fazendo usura, um com seu irmão? volta hoje os seus campos, as suas vinhas, os seus olivais e as suas casas, e a centésima parte do dinheiro, e do cereal, e do azeite, que lhes tiraste a juros". (Neemias 6:5 de acordo com a tradução de Wette). "O quadro que Neemias esboça não deixa nada a desejar em termos de clareza, o povo dividido em duas metades: uma classe alta rica, que lida com empréstimos de dinheiro, e uma massa espalhada de trabalhadores rurais". (Sombart loc. cit. p. 378).

Esdras também nos diz explicitamente (Esdras 1:6-11) que um grande número daqueles que retornaram à Palestina trouxeram consigo consideráveis riquezas da Babilônia. Então foi um grupo que voltou para casa que estava particularmente interessado em negociar e ganhar dinheiro, o que, se Amos for verdade; exploradoramente desenfreado mesmo antes da deportação para a Babilônia, na Babilônia, em meio ao movimento desta cidade comercial central da época, havia desenvolvido essa capacidade ainda mais fortemente, e agora, emprestando, ganhando juros e especulando com imóveis, derramou novamente sobre a Palestina.

O produto da criação de Esdras e Neemias

Quando Esdras e Neemias forçaram os judeus a expulsar mulheres estrangeiras e impuseram sobre eles aquele vaso básico da educação do judaísmo, para que o judeu pudesse espalhar seu sangue ilegitimamente entre os outros povos, mas só deveria se casar com uma judia de sangue puro "para que a tribo de Jacó é pura permanência", eles conseguiram que, com o número realmente não grande de pessoas desse povo, as características judaicas vieram repetidamente às características judaicas. Portanto, provavelmente não há povo com uma "perda de ancestrais" tão forte quanto os judeus - as famílias judias chegam ao mesmo ancestral muito antes de todos os outros povos. Daí a forte semelhança familiar dos judeus, que é inconfundível apesar de todas as raças mestiças.

Enquanto aqueles grupos que, como os samaritanos, rejeitaram a restrição da legislação Esdras e Neemias foram repelidos durante duas vezes, primeiro nas batalhas dos Macabeus, depois nas batalhas contra o Império Romano, esses judeus foram repelidos pelos zelotes em seu próprio povo

foram impiedosamente destruídos, que se dispuseram a abrir-se à cultura grega, e assim, mais uma vez, ocorreu uma seleção no sentido do judaísmo mais rígido, mais implacável - o próprio judaísmo tornou-se cada vez mais semelhante entre si. Conscientemente, desenvolveu-se para aquelas habilidades que o colocariam em posição de se tornar financeiramente senhor dos outros povos. Tornou-se um povo com o objetivo de criação de dominação financeira do mundo.
A promessa já estava na lei mosaica: "Pois Javé teu Deus te deu o que te prometeu, para que emprestes a muitos povos, mas não terás que tomar emprestado, e reinarás sobre muitos povos. ninguém te dominará" (Deuteronômio 15:6). Lá foi expressamente dito: "Você pode cobrar juros do estrangeiro, mas não pode exigir nada de seus compatriotas, para que Yahweh, seu Deus, possa abençoá-lo em tudo o que você empreender no país para o qual você está se mudando. é cuidar". (Deuteronômio 23:21). "Você pode pressionar o estranho, mas você deve soltar aquele que é seu irmão". (Deuteronômio 13:3). Assim, o judeu foi apontado para a usura como uma arma para subjugar outros povos.
Não parou por aí. O comércio fraudulento também foi recomendado: "Não coma nenhum tipo de carniça, você pode dá-lo a um estranho que está em sua morada para ser comido, ou você pode vendê-lo a um estrangeiro, pois você é o Senhor, seu Deus santo pessoas". (Deuteronômio 14:21). Verdadeiramente, o único Deus que é santificado pelo comércio de seus crentes em produtos de carne estragada! A história do mundo não sabe disso de outra forma. Os enganos de Jacó contra Esaú, contra seu patrão Labão e até contra seu pai Isaque pareciam exemplares para o judeu mesmo então. O próprio Jeová ajudou a enganar: "Eu, Javé, também farei com que este povo veja os egípcios, para que, quando você se mudar, mas toda mulher peça a seus vizinhos e colegas de casa que lhe emprestem utensílios e roupas de prata e ouro, eles devem ponha as mãos sobre seus filhos e filhas e assim privará os egípcios de suas propriedades". (Êxodo 3:21-22).
Foi precisamente esta posse de utensílios de ouro e prata, que foram rebocados do Egito por desvio de propriedade emprestada, que formou a base da riqueza nacional dos "Filhos de Israel" - não é de admirar que eles tenham dado como certo para obter ainda mais em uma maneira semelhante. Eles sobreviveram ao Império Persa, sobreviveram à tentativa do rei Antíoco de abri-los à cultura grega no surto selvagem das batalhas dos Macabeus. Eles tiveram um império separado por um tempo, estabelecido em 67 aC. BC, incapaz de viver devido à sua turbulência interna, foi incorporado pelos romanos ao seu império mundial. Eles eram odiados por todos os povos. Os gregos alexandrinos Lysimachus e Chaeremon, o egípcio Manetho (citado por Flavius Josephus "Sobre a Era do Povo Judeu") relatam unanimemente que o povo judeu descendia dos párias e criminosos expulsos do Egito; Tácito no 5º livro

de historia expressamente sublinha isso novamente, dizendo que a maioria dos antigos escritores que ele leu concorda com essa opinião. Os próprios judeus sabiam como eram abomináveis para outros povos: "E os egípcios temiam os filhos de Israel" (Êxodo 1:12). Paulo, ele próprio um rabino, chamou-os de "repugnantes a todos os homens" (1 Tessalonicenses 2:15). Seu ódio por toda a raça humana é mencionado por Tácito (ibid.) de Hekataeos de Abdera; Tácito nos diz novamente que "quando os Assírios e Persas governavam freqüentemente, eles eram o povo mais desprezado". Você trouxe esse ódio para si mesmo. Eles tomaram a subjugação dos povos sob seu domínio com os meios de exploração financeira e esperteza como um mandamento de seu Deus: "Mas todos os povos que Javé seu Deus entregar a você, você deve destruir sem olhar para eles com piedade" (Deuteronômio 7:16); "As riquezas do mar se voltarão para você (Judá), os bens dos povos virão para você" (Isaías 60:5). O judaísmo distingue nitidamente os judeus e todos os outros seres vivos. "Devorarás todas as nações que eu, o Senhor teu Deus, te der; não as pouparás nem servirás aos seus deuses, porque isso te seria um laço" (Deuteronômio 7:16). Essa linha divisória entre o povo escolhido e os "Goyim" foi pregada cada vez mais nitidamente - provavelmente antes mesmo que o ensinamento judaico válido fosse resumido no Talmud da Babilônia (cerca de 500 dC), a opinião havia sido completamente aceita de que havia dois tipos de seres vivos no mundo: primeiro os judeus e depois todos os animais, incluindo os não-judeus. Isso é então declarado abertamente no Talmud: "Somente os judeus são chamados de homens, mas os não-judeus não são chamados de homens, mas de gado" (Baba Bathra 114b). O tratado Yalkut Rubeni sublinha isso novamente: "Porque suas almas vêm de Deus, os judeus são chamados de homens; as almas dos não-judeus vêm do espírito impuro e, portanto, são chamados de porcos".

De acordo com a lei judaica, o não-judeu é apenas um falso ser humano: "Os Goyim recebem apenas uma forma humana para que os judeus não tenham que ser servidos por animais" (tratado Schene luchoth habberith). Porcos e pessoas falsas não têm capacidade legal. Eles, portanto, não conduzem um casamento real nem possuem bens reais. Esta é a ideia básica da lei judaica. Para o judeu só há adultério quando um judeu de velhice seduz a esposa de outro judeu - o casamento do não-judeu não é um casamento de acordo com a lei judaica, assim como a coabitação da cegonha ou do texugo não é um casamento na legalidade. Porque ele não é um ser humano no sentido legal, o não-judeu não tem propriedade real de acordo com a lei judaica - todo judeu pode lhe tirar a propriedade !

Isso foi então consistentemente desenvolvido pelo judaísmo. Quando o Talmud se tornou muito extenso para a comunidade judaica, o Shulchan aruch, a "mesa posta", dos rabinos Karo e Isserles (impresso pela primeira vez em Veneza 1564) contém um trecho da lei judaica aplicável.

O Shulchan Aruch com seus quatro livros não trouxe nada de novo, mas apenas um resumo do que sempre foi válido no judaísmo.

A seleção dos mais tortos.

O "Schulchan Aruch" infelizmente foi considerado um "livro religioso" por muito tempo, como o Talmud; na realidade, é antes de tudo um livro no qual se enuncia a lei válida entre os judeus e os corpos jurídicos segundo os quais o judeu deve se orientar em relação ao não-judeu. Seu objetivo é imbuir todo o judaísmo com as habilidades que ele considera necessárias para conquistar o mundo e dominar os não-judeus, mas dentro do judaísmo novamente com uma seleção de espécimes particularmente astutos e tortuosos. O "Shulkhan Aruch" expressa abertamente o objetivo biológico de selecionar os particularmente astutos e enganosos, que já foi estabelecido no judaísmo primitivo.

Só agora temos uma apresentação realmente boa deste livro do ponto de vista de um jurista na obra de Hermann Schroer, "Blut und Geld im Judentum" (2 volumes, Munique, Hoheneichen-Verlag). Vamos dar uma olhada na lei penal judaica apresentada por Schroer. Do ponto de vista da lei judaica, enganar os não-judeus é impune, porque, como não são humanos, também não podem ser enganados; você não pode enganar um animal no sentido legal - mas se um judeu engana outro, então também não há punição. O judeu só tem que dar ao judeu o lucro obtido fraudulentamente. É apenas um sexto do valor total, ou seja, 300 RM. até 40,99 RM., mas ele não precisa abrir mão - até esse valor um judeu também pode enganar outro judeu. Para praticar! A doutrina da especificação é desenvolvida de forma semelhante. A propriedade de uma coisa não é adquirida apenas pelo fato de ser retrabalhada - mas mesmo quando recebe um nome diferente. Mesmo o mau crente adquire propriedade desta forma de acordo com a lei judaica: Assim, o ladrão roubou um cordeiro (de acordo com a lei judaica, roubar de um não-judeu é impune, mas mesmo entre os judeus obriga apenas uma indenização, no máximo quatro vezes o valor), o ladrão consegue segurar o cordeiro até vê-lo se tornar carneiro - então ele não precisa mais dá-lo, porque ele não tem mais um cordeiro, mas um carneiro. E um carneiro não foi roubado. O conceito judaico de perpetradores no direito penal só reconhece a responsabilidade criminal do perpetrador direto - o instigador, o cúmplice, o ladrão ficam impunes em qualquer caso - "porque eles não fizeram nada!" Que tentação para um bandido ficar em segundo plano para enviar outros para roubar. A lei civil dos judeus não parece melhor: Choschen ha mishpat 176,12 (no "Shulkhan Aruch") diz: "Se um dos dois parceiros de negócios roubou ou rouba algo, ele deve compartilhar o lucro obtido com seu parceiro , mas se ele sofreu danos, ele deve suportar o dano sozinho."

Assim, Jtzig e Mauschen montaram um negócio (que de acordo com a lei judaica só é possível através da contribuição mútua de valores reais).
Mausche rouba a carteira do não-judeu Friedrich. Neste caso, ele tem que dar metade disso para o Jtzig, porque tal roubo faz parte da distribuição normal de uma transação comercial judaica, e o garupa deve participar disso. Mas se Friedrich agora descobre o roubo e força Mausche a devolver a quantia roubada, então Jtzig não precisa devolver metade do dinheiro roubado para Mausche, porque Mausche era um tolo e se permitiu ser pego?! De acordo com a lei judaica, o judeu menos habilidoso, menos astuto ou mesmo estúpido deveria cair nessa, tornar-se mais pobre, para que certamente isso não acontecesse mais - o judeu astuto e insidioso dever ter a chance biológica. Essa é a lei judaica.
Não é por acaso que, nessas circunstâncias, os Judeus são desencorajados a se dedicar à agricultura ou a ocupações semelhantes que não oferecem a oportunidade de exercer o cultivo dessas qualidades.
O Talmud diz (citado por F. Roderich-Stoltheim, "O enigma do sucesso judaico", Leipzig, Hammer - Verlag 1919): "Rab Eleazar disse: Nenhum comércio é tão inútil quanto a agricultura", porque é chamado Ezech. 27:29: "Eles descerão (pobres)!" R. Eleazar viu um campo em que se plantavam repolhos nos canteiros. Então ele disse: "Mesmo se alguém quisesse plantar ervas longitudinalmente, o comércio é melhor do que isso." Quando Rab uma vez caminhou entre as espigas de milho e viu que elas estavam balançando para frente e para trás, ele disse: "Apenas continue balançando, barganhar é preferível a você." - Rab também disse: "Quem gasta cem sus (moedas) no comércio pode desfrutar de carne e vinho todos os dias; mas quem gasta cem sus no campo deve se contentar com sal e ervas, ele deve estar na terra dormindo e é sujeito a todos os tipos de dificuldades."

A Riqueza dos Judeus na Antiguidade Clássica.

Os judeus no grande Império Romano adquiriram uma riqueza considerável com esses meios implacáveis e em grande parte simplesmente inescrupulosos. Mesmo assim, eles eram considerados uma população notavelmente rica. Estrabão, o geógrafo (Jos. Ant. XIV. 7,2) diz: "Não se pode encontrar facilmente um lugar na terra habitada que não tenha recebido este povo e não seja governado por ele." Obviamente, esse domínio só era possível financeiramente. No Império Romano, por causa da extraordinária ameaça econômica, o Senado sentiu-se compelido a proibir o pagamento anual do imposto do templo dos judeus, ou seja, dízimos levíticos, para proibir o templo em Jerusalém. Esta deve ter sido uma soma muito grande. Em 59 aC Um certo Lélio acusou o pretor Lúcio Flaco em Roma porque ele havia confiscado os fundos do templo judaico que seriam exportados da Ásia Menor para Jerusalém.

Aparentemente, os judeus estavam por trás dessa acusação. Cícero defendeu o alto funcionário e explicou o seguinte (Cícero pro Flacco, na tradução Alemã de GLF tafel, CN Oseander e G. Schwab, Stuttgart 1834): O assunto está sendo ouvido não muito longe dos degraus do Salão Aureliano. Por causa dessa acusação, você, Laelius, visitou este lugar e aquela multidão. Você sabe quão numeroso é, como se une, quanto se organiza em assembléias populares. Eu falarei em voz baixa, para que apenas os juízes me ouçam, pois não faltam pessoas que incitarão aqueles contra mim e contra os justos em geral: a quem não darei oportunidade de fazê-lo mais facilmente para eles.

Como o ouro costumava ser exportado para Jerusalém anualmente por conta dos judeus da Itália e de todas as províncias; então Flaccus decretou por decreto que a exportação da Ásia não deveria ser permitida. Quem, você julga, não deveria aprovar isso com razão? Não só o Senado muitas vezes se opôs à exportação de ouro no passado, mas também explicou muito enfaticamente sob meu consulado. Opor-se a esse bárbaro supersticioso era estritamente lei; Para o bem do Estado, ignorar as turbas de judeus que às vezes se enfureciam nas assembléias populares era prova de princípios firmes. Como em muitas outras coisas, especialmente nesta peça, ele agiu com muita sabedoria, de modo que em uma cidade tão suspeita e abusiva não quis dar nenhum pretexto aos críticos maliciosos. Porque acredito que não foi a religião dos judeus, que também eram inimigos, mas a consideração pela sua honra que deteve o excelente general... O próprio processo prova que tudo foi negociado por homens de primeira ordem: tornou-se Apamea publicamente preso e pesado aos pés do pretor no fórum, pouco menos de cem libras, por Lúcio Peducaeus, nosso juiz, aqui presente; em Adramítio, pelo legado Eneu Domício: em Pérgamo, uma pequena quantia. A conta do ouro está no tesouro do estado. Um roubo não é culpado: procura-se apenas estimular o ódio: a palestra se afasta dos juízes: o discurso tenta se tornar audível para os espectadores e a multidão."

Esta passagem, raramente citada na íntegra, mostra a influência que os judeus tiveram em Roma naquela época, que puderam iniciar um processo por causa de uma das famílias mais antigas e com elevados méritos pessoais. Por outro lado, as somas citadas, incluindo cem libras de ouro só em Apamäa, uma cidade que não é tão importante, mostram quão enorme deve ter sido a renda dos judeus - pois aqui não estamos lidando com a riqueza Judaica, mas sobre partes do imposto do templo judaico, que as autoridades romanas conseguiram impor em tempo útil. Quando um homem como Flaco, mais soldado do que administrador, expressamente

"proibição de exportações de moeda estrangeira" para o imposto do templo judaico da província da Ásia, a saída de dinheiro deve ter sido alarmantemente alta. Dizem-nos que o rei Mitrídates do Ponto, quando morreu abruptamente em 87 a.C. Chr. fez com que suas tropas marchassem para as províncias romanas da Ásia e da Grécia e as ocupou temporariamente, só na ilha de Kos 800 talentos (1 talento = cerca de 2000 RM.) tiveram os impostos do templo judaico confiscados que foram deportados para lá. Para o tempo antes de a Judéia pertencer ao Império Romano, isso indicaria uma riqueza inaudita dos judeus na Grécia, se considerarmos o imposto do templo arrecadado anualmente nessa quantia, que o rei arrecadou a tempo.

De fato, numerosos rabinos nos dizem que eram muito ricos; As duas cidades mais ricas, Alexandria no Egito e Antioquia na Síria, eram ao mesmo tempo as maiores cidades judaicas da antiguidade; Mas também em Roma, numerosos judeus, que só com 800 cabeças, marcharam em direção a uma embaixada do rei Herodes. Os judeus foram repreendidos por sua riqueza e admoestados a ficarem satisfeitos com ela. O imperador Cláudio (41-54 d.C.) escreveu aos Judeus de Alexandria: "Por outro lado, ordeno aos judeus que não se esforcem por nada além o que eles possuíam até agora, mas para fazer uso do que eles possuem, e desfrutar em uma cidade que não é sua, a abundância de rica prosperidade, nem importar ou convidar Judeus que estão navegando da Síria ou do Egito, e eu, assim, coagir para levantar mais suspeitas; caso contrário, procederei contra eles com todos os meios, como contra as pessoas que causam uma praga geral em todo o mundo". A principal atividade dos Judeus em Alexandria era o comércio de escravos, que os levou para o interior da África, mesmo do sul da Arábia até a Abissínia. O certo é que o comércio de âmbar, o comércio de seda e o comércio de artigos de luxo orientais foram monopolizados pelos Judeus no Império Romano.

As grandes comunidades Judaicas atuavam como organizações de coleta para tribos menores relacionadas. Tornou-se cientificamente credível (Georg Rosen: "Judeus e Fenícios." Tübingen 1929) que um grande número de comerciantes de escravos de ascendência fenícia e cartaginesa, grupos inteiros de tais tribos relacionadas foram absorvidos pelos judeus. As grandes revoltas Judaicas contra o Império Romano (44 d.C., 69/70 d.C., 116 e 132 d.C.), durante as quais o Judaísmo tentou em vão o uso da força das armas para derrubar o domínio romano, no entanto, levou à eliminação dos elementos mais belicosos, enquanto os grupos flexíveis particularmente dotados para o comércio astuto sobreviveram e se multiplicaram. Finalmente, eles também governavam a vida econômica da capital imperial, a própria Roma; Começaram como traficantes de escravos estrangeiros e pequenos intermediários: seus primórdios em Roma foram pequenos, de acordo com suas limitadas operações de comércio interno e dadas às massas, com

que eles encontraram lá (como em seus assentamentos Macedônios) era até possível. Eles se ofereciam para satisfazer as necessidades diárias da vida da classe média baixa e gradualmente se tornaram um negócio de venda de raridades orientais que eram procuradas no Ocidente. O crescente negócio de comissões abriu então o caminho para grandes empreendimentos comerciais ou suprimentos para o governo, e desde os humildes começos cresceram banqueiros que, como o conselho dos Judeus Alexandrinos no tempo de Tibério, cuidavam dos assuntos financeiros dos membros. da família imperial e com eles os restos dos pequenos reis dos empréstimos muitas vezes procurados" (B.Bauer: "Cristo e os Césares." Berlim 1877).

Os Judeus no Império Alemão do período de Migração.

Como a queda do Império Persa e o império de Alexandre, o Grande, os judeus sobreviveram ao colapso do Império Romano. Eles eram bastante numerosos nele, Na cidade de Puteoli, na Itália, eles compunham quase metade da população, "o falecido poeta romano Rutilius Namatianus reclamou que o derrotado Judá destruiu seus vencedores". O malfadado decreto do imperador Caracalla em 212 deu aos judeus a cidadania - até então apenas alguns judeus eram "cidadãos romanos", agora todos eles eram. Foi a primeira emancipação dos judeus. No Império Romano do Oriente, o imperador Justiniano emitiu decretos severos contra os judeus mais por razões eclesiásticas do que nacionais. No entanto, os reis germânicos do Período da Migração eram de grande tolerância insuspeita para com os judeus; de vez em quando ouvimos que as comunidades judaicas devem ter sido muito ricas, afinal, porque as comunidades judaicas espanholas ofereceram ao rei visigodo Rekkesvinth uma soma muito substancial para que ele revogasse leis que eram incômodas para os judeus.

Em solo alemão, os bairros mercantes judeus da época romana nas cidades do Reno e do Danúbio foram certamente explodidos durante a migração dos povos.

Da costa do Mediterrâneo, porém, os judeus abriram caminho novamente. Eles sempre foram numerosos no sul da Gália (França) e na Espanha. Agora o reino dos francos se formou no Reno, na Holanda e no norte da França. Em 496, o rei franco Clóvis converteu-se ao cristianismo e uniu os estados francos em suas mãos. Logo encontramos vários decretos da igreja sobre os judeus, que novamente nos mostram os judeus principalmente como proprietários de escravos. O Terceiro Sínodo de 538 em Orléans decretou que os escravos cristãos pertencentes a judeus, se seus senhores os ordenarem a fazer coisas contrárias à fé cristã e fugirem para a igreja, ou se fugirem antes, devem ser devolvidos ao senhor, e os escravos fugiram novamente - esses escravos não serão mais entregues,

mas a igreja vai comprá-lo gratuitamente de acordo com a estimativa dos avaliadores oficiais. O mesmo foi confirmado novamente em 544 no Quarto Sínodo de Orléans, até ampliado para que todo escravo pudesse solicitar à igreja tal resgate. No entanto, a assembléia da igreja de Maçon teve que declarar em 581 que "a arrogância dos Judeus havia aumentado tanto que eles não queriam libertar os escravos Cristãos, mesmo que se declarassem dispostos a pagar o preço total apelando para a ajuda judicial". A assembléia da igreja decidiu que todo crente tinha o direito de comprar tal escravo gratuitamente pelo preço de 12 xelins (solidi). No Sínodo de Reims em 625, o clero tentou proibir completamente os Judeus de comprar escravos cristãos. Certamente isso foi feito apenas em parte por considerações humanas por parte do clero - a consideração de que a fé do escravo estava em perigo desempenhou um papel muito forte. A casa dos Merovíngios também era obviamente hostil aos Judeus. O historiador Judeu Prof. Braunschweiger escreve: "Se agora dirigirmos nosso olhar para o norte, ou seja, para a França, descobriremos que a condição dos Judeus até o século VIII sob o domínio dos Merovíngios não era agradável... então o clã de Clovis governou na região Franca, mas em geral o povo de Israel não estava em uma posição favorável ..."

A casa dos Carolíngios, no entanto, era extremamente amigável com os Judeus. O mesmo historiador Judeu Braunschweiger diz de Karl Martel: "Este governante poupou fardos pesados aos Judeus. Mesmo sob seu sucessor Pepino, eles não tinham nada do que reclamar". Ele diz do imperador Karl: "...Ele lhes mostrou uma boa vontade cada vez maior e sua reputação aumentou dia a dia, quanto mais o comércio aumentou e mais seus relacionamentos floresciam..., mas não apenas em geral essa grande pessoa favoreceu o Imperador dos Hebreus, mas vários até tiveram acesso à corte..."
Mas de onde veio essa massa de escravos, com quem os traficantes de escravos judeus dirigiam seu comércio lucrativo? Os judeus daqueles dias foram os beneficiários de uma das maiores catástrofes sociais do nosso povo, o colapso da antiga liberdade camponesa germânica.

O judeu e a escravidão dos lavradores livres germânicos.

O Judeu era, em muitos aspectos, um complemento necessário à ordem econômica Carolíngia. O agricultor germânico foi forçado a dar pelo menos a parte de um filho de sua fazenda para a igreja em seu leito de morte "para a salvação da alma". A propriedade da igreja ficava cada vez maior, as terras agrícolas cada vez menores. Após a morte de um agricultor e a entrega da parte de uma criança à igreja, o restante da fazenda teve que ser compartilhado, com cada criança recebendo uma parte igual. Dessa forma, surgiram economias anãs inviáveis. Se eles iam existir, os filhos desses fazendeiros tinham que tentar conseguir terra. Por sua vez, eles só poderiam obter esta terra do próprio rei, uma vez que as florestas dos velhos como "florestas proibidas" haviam sido tomadas pelo rei,

recebido apenas do próprio rei, de seus grandes vassalos ou da igreja de suas vastas posses herdadas. Não lhes foi dado nenhum em regime de arrendamento, mas apenas com a condição de deporem as armas, renunciarem à participação no tribunal dos homens livres, submeterem-se ao tribunal senhorial e ao tribunal do mosteiro, assumirem o trabalho colectivo e o trabalho forçado. Esses camponeses, obrigados a trabalhar juntos, tornaram-se, como provam os livros de juros dos mosteiros, espremido impiedosamente nas propriedades do mosteiro.   Além dos dízimos eclesiásticos, eles tinham que angariar terras, servir de mensageiros , servir de guarda, executar serviços de fixação, trabalhar com grãos, linho, legumes, vinho e madeira. O agricultor normal do período Carolíngio que era dependente da Corte e que ainda tinha uma pequena fazenda que lhe fora deixada pelo mosteiro, além dos enormes encargos em favor do mosteiro, era um animal de carga pobre e conduzido. Mas se ele não pudesse suportar o fardo, seu emprego era tirado dele e ele era tratado como um trabalhador sem propriedade em completa servidão, completamente como um escravo, para trabalhar na Corte de Servos.

Nada caracteriza melhor a situação dessas pessoas do que as leis a que foram submetidas. Como as conspirações desses filhos de fazendeiros desprivilegiados, empregados como artesãos na Corte se formaram repetidamente, o imperador Carlos já decretou no Capitulare de Villis em 806: "... por juramento,será punido de três maneiras. Primeiro, se algum mal for causado em qualquer lugar, os autores da ação serão condenados à morte; mas os ajudantes devem ser açoitados um a um, e devem cortar os narizes uns dos outros. Mas onde não há mal, eles também serão chicoteados um ao outro e rasparão o cabelo um do outro. Mas quando a conspiração for confirmada pela oferta da mão direita, se estiverem livres, jurarão por ministros idôneos que não fizeram isso para o mal. Se eles não podem fazer isso, eles devem pagar sua penitência legal, mas se eles são escravos, eles devem ser açoitados. E, em geral, tal conspiração não deve ocorrer em nosso reino, nem com juramento nem sem juramento..."

Pode-se ver por essas disposições cruéis quão forte era a resistência do povo alemão explorado nessas cortes de servos. O que fazer com aqueles que eram muito teimosos ou simplesmente supérfluos? Eles foram vendidos como escravos. E aqui o judeu se ofereceu como comerciante de escravos.

Acima de tudo, o filho do imperador Carlos, Ludwig, o Piedoso (814-840) foi um grande protetor do Judaísmo e do comércio Judaico de escravos . Sua segunda esposa, supostamente de sangue Alemão, mas com o nome de Judith, fez os rabinos orarem por ela e foi à sinagoga, o capelão do rei Botho, um distinto alemão, era tão judeu de alma que foi à sinagoga, mandou ser circuncidado e chamado Eleazar.

O Kaiser deu aos Judeus o direito à liberdade de circulação,os mercados semanais foram transferidos do sábado para o domingo e havia grandes assentamentos Judaicos na corte imperial.

Coincidentemente, recebemos uma carta de proteção dos judeus de Ludwig, o Piedoso, que foi emitida para os judeus Domatus e Samuel. De acordo com esta carta, "ninguém se atreverá a perturbá-los ou caluniá-los", estão isentos de direitos aduaneiros e livres de fornecer transporte para fins públicos, podendo comprar e vender escravos.
Pode-se afirmar que entre os 40 bispos do Império Franco, apenas 3 foram finalmente encontrados que se opuseram a esse inacreditável tratamento preferencial dos judeus. Entre eles um se destaca, que, um corvo branco entre seus irmãos no cargo, era um homem muito honrado. - Arcebispo Agobard de Lyon, morreu em 840, um homem que teve que passar por coisas infinitamente difíceis, finalmente até mesmo demissão temporária de seu arcebispado, porque ele estava sozinho na igreja e lutou pela corte carolíngia, os pobres escravos que estavam sendo tratados pelos Judeus assumidos.

Pouco se ouviu falar dele durante séculos. É somente em nosso tempo que duas obras voltam a enfatizar sua figura, uma vez que o livro de Gustav Strobl, que tem um título pobre, mas é muito rico em conteúdo: "Pode um Cristão ser um anti-semita - As cartas do arcebispo Agobard em Lyon sobre os Judeus" (U. Bodung-Verlag, Erfurt), e um trabalho diligente de Helmut Schramm: "Arcebispo Agobard de Lyon, o primeiro combatente contra os Judeus em solo alemão", na revista "A Escola Superior" (suplemento a "Educação Política", periódico mensal do NS.

"Lehrerbundes der Provinz Sachsen, 15. Jg. h9). O Arcebispo Agobard referiu-se ao fato de que, de acordo com a lei da igreja atual, um cristão não poderia ser escravo de um judeu e que todo arcebispo era livre para batizar escravos não cristãos de um Judeu e contra o habitual para comprar o preço de mercado. Esta lei havia sido revogada por Luís, o Piedoso, e o arcebispo queixou-se: "Sou atormentado por sérias dúvidas de consciência quando recuso o batismo aos Judeus e seus escravos que o desejam, e temo a condenação divina ; mas se eu lhes conceder o batismo, violou as leis humanas e trago problemas às minhas paróquias”. Mas ele teve que declarar: "Os judeus espalham uma ordem na qual se gabam de que o próprio imperador a emitiu. Portanto, é proibido batizar um escravo que está com um judeu sem a permissão expressa de seu mestre". Sim, ele teve que perceber que "o Ministro dos Judeus continua me ameaçando de chamar os condes do Palatinado Imperial, que vão me julgar por causa dos judeus e dificultar as coisas para mim". Esses condes vieram, ouviram apenas os Judeus e ficaram inteiramente do lado deles, astutamente em um momento em que o arcebispo estava ausente.

Ao chegar em casa, teve que admitir: "Foi ruim porque os judeus receberam um poderoso impulso, pois os judeus ousaram repreender os cristãos de cima. que estavam constantemente sendo importunados com eles. Esses emissários disseram que os judeus não deveriam ser desprezados da maneira que geralmente se acredita, sim,

eles eram queridos aos seus olhos (do imperador)... e eram mais valorizado na corte do que os Cristãos. Eles se gabam e mentem para as pessoas comuns entre os Cristãos de que são tão queridos ao imperador por causa dos patriarcas do Antigo Testamento que têm a honra de serem admitidos na audiência imperial e se despedirem com honra. Que numerosas pessoas dos mais altos círculos se aproximaram deles para sua intercessão... enquanto espalhavam tais discursos, eles se gabam das grandes encomendas de vinho e valem muitas libras de prata que receberam da corte.

Por tudo isso eles produzem éditos imperiais, escritos em seu nome, até mesmo marcados com seu selo dourado, éditos cujo conteúdo não pode ser acreditado como verdadeiro..."

Mas o que mais importava para o velho Agobard era o destino dos pobres escravos. Ele descreveu: "... e novamente de outro Judeu um menino foi roubado e vendido neste ano, e ao mesmo tempo se descobre que numerosos Cristãos foram vendidos pelos próprios Cristãos aos Judeus e vendidos por eles, sim, quantas coisas indescritíveis e vergonhosas são cometidas pelos Judeus que não podem ser escritas".

Essas "coisas vergonhosas" são casos em que meninos foram castrados pelos Judeus para vendê-los dessa maneira como guardas de harém para os mandachuvas Árabes na Espanha. Além disso, podemos deduzir de outros escritores quão extraordinariamente difundido era esse comércio de escravos judaicos; O escritor árabe Ibn Khordadbeh (870-892) descreve esses mercadores Judeus em detalhes: Esses mercadores falam Persa, Romano, Árabe, Franco, Espanhol e Eslavo. Eles viajam de oeste a leste e de leste a oeste, em parte por terra e em parte por mar. Eles trazem eunucos, escravos, meninos, seda, peles e espadas do Ocidente. Eles embarcam na Francônia no Mar do Oeste (Mar Mediterrâneo), viajam para Farama (Egito), carregam suas mercadorias nas costas de camelos e partem a pé para Kolzum (Suez) em uma marcha de cinco dias. Você embarca no Mar do Leste e vai de Kolzum a El Djarm, que é um dos três portos de Medina, e para Jidaah, de lá eles vão para Sind, Índia e China. Em seu retorno eles se carregaram com almíscar, aloe, cânfora, canela e outros produtos dos países orientais, às vezes os mercadores Judeus embarcavam no mar ocidental e iam para Antioquia. Após três dias de migração terrestre, chegam às margens do Eufrates e depois chegam a Bagdá; Em seguida, embarcam no Tigre e descem para Abollah, de lá navegam para Omã, Sind, Índia e China... Os mercadores que vêm da Espanha e da Francônia vão para Tânger e Marrocos, de onde se fixam para as províncias da África e Egito." Mas os Judeus daqueles dias não só negociavam meninos e meninas alemães como escravos no Extremo Oriente - eles também mantinham suas escravas não Judias fornicando e assim ganhavam dinheiro, como o bispo Agobard testemunha:

"Muitas mulheres são mantidas pelos Judeus explorando seus direitos como escravas ou como servas pagas. Algumas se tornam prostitutas como resultado. Mas todas foram para os cães dessa maneira, por meio de violência, sedução ou outra fraude." Fazendas inteiras de servos eram arrendadas pelos Judeus daquela época; Quanto maiores as posses dos mosteiros e dos novos senhores seculares e espirituais, mais eles se sentiam compelidos a arrendar a administração dessas fazendas porque perdiam o rumo. Os Judeus eram inquilinos implacáveis e exploravam os antigos agricultores livres que se tornaram tão dependentes.
Enquanto o imperador Karl (Capitulare de Paderborn, seção 8) havia ameaçado os Saxões Germânicos: "Quem quiser se esconder entre o povo Saxão sem ser batizado e não vir ao batismo e quiser permanecer pagão morrerá". um decreto de seu filho Luís, o Piedoso, que recebemos por acaso, em favor do Rabino Donato e de seu neto Samuel, bem como dos Judeus Davi, José, Amônio e Abraão, "com punição severa, ninguém pode ter a idéia de insultar esses Judeus ou agredi-los Nem seus escravos podem ser batizados contra a vontade dos Judeus, ainda que desejem o batismo." Ambas as disposições estão em total contradição uma com a outra. Eles mostram como o tempo dos Carolíngios foi o tempo da mais terrível dominação dos Judeus.

Na medida em que não provinha dos estoques de riqueza Judaica da antiguidade clássica, obtidos por vigaristas e guardados nas ondas de imigração em massa, as bases para as grandes fortunas Judaicas foram lançadas naquela época, o que permitiu aos Judeus no final da Idade Média adquirir a riqueza Europeia para superar os povos. Essa base foi lançada apenas em menor grau pelo comércio atacadista, em sua maior parte pelo comércio de escravos, arrendamento de terras para exploração, dinheiro da prostituição e usura.

Os relatos contemporâneos daquele dia, na medida em que mencionam os Judeus, falam de sua riqueza. Em Colônia, eles eram cambistas ("campsores") e emprestadores de dinheiro já no período Carolíngio - quando Colônia foi destruída pelos normandos, eles foram temporariamente para Mainz, Worms e Speyer.

Afinal, as pesadas derrotas do Império Carolíngio no norte contra os Normandos e no sudeste contra os Húngaros paralisaram amplamente o comércio de escravos. O comércio atacadista também vacilou. No sínodo nacional de 880, foi traçado um quadro terrível da situação nas terras Alemãs, uma massa de altos e baixos clérigos foi morta pelos Normandos, mosteiros foram queimados, monges e freiras fugiram - mas por toda parte havia perturbadores da ordem e paz, que "indiscriminadamente saqueavam pobres, ricos, leigos e clérigos, furiosos com assassinatos e fogo." E isso foi antes da invasão à Hungria, segundo o historiador Lombardo da época, "tornou o povo Alemão responsável diante dos Húngaros por vários anos".

A Riqueza Judaica na Idade Média.

Quando o Império da Francônia Oriental desmoronou completamente sobre os depostos governantes Carolíngios, passou a existir sob Henrique I, o Duque da Saxônia, um verdadeiro Império Alemão, os pré-requisitos sociais para o Judaísmo foram fundamentalmente alterados. O sistema monástico sofreu um duro golpe em todos os lugares durante os tempos do deserto. Por volta de 909, o Metropolita Heriveus teve que declarar em um sínodo em Reims dos mosteiros: "Muitos foram incendiados ou destruídos pelos pagãos, outros foram saqueados, e se as paredes de alguns ainda estão de pé, não há vestígios de vida monástica neles Porque, como eles não têm governantes canônicos, mas estão sujeitos aos leigos, contrariamente a toda lei, acontece que os irmãos não obedecem mais à regra, em parte por falta, em parte por má vontade, mas principalmente por causa da completa incompetência daqueles abades leigos em lidar com assuntos mundanos por causa da subsistência. Outros saem dos muros do mosteiro para ganhar a vida fora e, portanto, são ridicularizados pela multidão. — Nas abadias vivem os abades leigos com suas esposas, filhas, filhos, com seus soldados e cães de caça." o comércio aumentou, assim é agora Na Baviera, o duque Arnulfo, o Mal, confiscou numerosos mosteiros e dotou os camponeses livres com as terras que lhes tirou: sob o rei Henrique I na Saxônia, mas também em maior ou menor grau em outras regiões, o camponês se livrava dos fardos forçados, limitando-os ao menos a impostos fixos – o tempo em que o trabalho era escravidão foi substituído por um período melhor para o povo trabalhador – e com isso o comerciante Judeu de carne humana perdeu toda a sorte de oportunidades de ganho. Não brilhou mais nele o favor real como sob os carolíngios, dos quais não apenas Ludwig, o Piedoso, mas também Carlos Magno teve sua corte Judia – não é coincidência que o governo dos reis da casa Saxônica não tenha obtido uma nota tão boa na historiografia Judaica quanto eles tiveram no Tempo do século Carolíngios, os maiores amigos dos Judeus que já governaram a Alemanha.

Ainda assim, eles não estavam indo mal; Sob Henrique II (1002-1024) eles obtêm permissão para construir uma nova sinagoga em Colônia, havia um registro de propriedade especial para sua propriedade, sim, ouvimos isso sob Henrique III. (1039 - 1056) o Judeu Egebreth foi prefeito do distrito de St. Laurentius em Colônia. A comunidade de lá tinha seu próprio hospital, uma casa de jogos e dança, uma casa de banhos e, aparentemente, sua própria jurisdição sob um "bispo Judeu", ou seja, Rabino. Enquanto o comércio de escravos finalmente secou em solo alemão e se mudou para o leste para os países eslavos, onde os judeus continuaram esse artesanato implacável, eles tiveram que tentar em solo alemão expandir mais o comércio atacadista e especialmente

desenvolver o negócio de empréstimos, que eles tinham nos tempos Carolíngios tinham mais do que uma espécie de atividade paralela ao comércio de escravos, favorecendo ou financiando seus clientes. Ao fazê-lo, eles tiveram que levar em conta a situação financeira muito desenvolvida da igreja naquela época. Os próprios bispos e mosteiros do período Carolíngio e o Oriente emprestaram capital em grande escala.

O Monopólio Judaico de juros.

Então, um desenvolvimento não influenciado por eles veio em auxílio dos Judeus. Desde o imperador Otto I, homens das melhores origens das melhores famílias da Alemanha estiveram à frente dos grandes bispados Alemães e abadias imperiais. além disso, ricamente dotados de feudos imperiais, homens sérios e responsáveis que se viam como servidores da igreja e ao mesmo tempo servidores do império, em vez do modo de pensar mais que duvidoso e ganancioso da maioria do clero Carolíngio , o arcebispo Agobard, o visitante no deserto amargamente flagelado pela ganância de dinheiro e serviço aos Judeus, trouxe consigo uma atitude completamente diferente no campo econômico: a atitude do nobre proprietário. O negócio de empréstimos de dinheiro da Igreja cessou. Eles eram amargamente sérios sobre essa parte dos ensinamentos da Igreja que o povo Alemão recebia. A igreja imperial Otoniana no seu melhor, com homens da casa real nas cadeiras do arcebispo, não queria explorar, mas liderar. Ter interesse parecia totalmente indigno de um padre de sua espécie. Eles tiveram a ideia de que juros é o pagamento pelo tempo que o credor não usufrui do capital, então venda o tempo - e ninguém pode vender o tempo, porque é de Deus! Um conceito econômico baseado nas necessidades prevaleceu. O trabalho não deve servir para enriquecer os indivíduos, mas para levar uma vida digna e um trabalho honesto. Se um homem agora era forçado a pedir dinheiro emprestado a juros, ele sabia que tinha que trabalhar não apenas para si e sua família, mas também para o sustento do credor, então ele tinha que expandir seu espaço de vida às custas dos outros, e para cuidar dos outros "por sua comida honesta". O juros era considerado uma compulsão indecente à discórdia econômica e à competição. O povo via no homem que empresta a juros, um preguiçoso que engorda às custas do pobre devedor. Agora a Bíblia dizendo: "Emprestar sem esperar nada em troca" (Lucas 6:35), com a qual o clero nunca se preocupou no período Carolíngio, começou a ser levada a sério. Depois de desistir do negócio de empréstimos, a igreja proibiu qualquer Cristão de pedir dinheiro emprestado a juros. Claro, eles não proibiram por razões econômicas, mas por razões pastorais. O credor não deve se privar de sua salvação eterna por crescer desenfreado em seu irmão. A luta contra a usura tomou conta de toda a Igreja na Europa, e o ânimo do campesinato Europeu se voltou contra os juros.

Embora a renda rica e fácil dos empréstimos continuasse a atrair um grande número de pessoas, esse sentimento era forte o suficiente para estigmatizar o empréstimo entre os Cristãos como um pecado mortal hediondo. Por mais decentes e respeitáveis que tenham sido os motivos da proibição dos juros - por mais que haja uma profunda verdade nas palavras de um respeitado mestre da Igreja, muitas vezes citadas na época: "Deus e o trabalhador são os verdadeiros senhores de tudo que serve para as pessoas consumir - todos os outros são distribuidores ou mendigos", esse princípio não pôde ser realizado desde o início; A necessidade de dinheiro aumentava cada vez mais, não era possível fazer uma grande campanha, nem mesmo uma cruzada, se não se adiantasse a renda posterior, que era principalmente de natureza agrícola; pedidos maiores não podiam ser realizados a não ser por meio de empréstimos.

Mas uma vez que todos os Cristãos foram proibidos de pedir dinheiro emprestado a juros por causa de sua salvação, isso resultou em um privilégio natural para os únicos não-Cristãos tolerados na Idade Média, para os Judeus. É uma visão completamente errada quando se afirma ocasionalmente que a Idade Média negou aos Judeus pobres qualquer outra aquisição, de modo que eles tiveram que recorrer à usura, por assim dizer, com o coração sangrando. Não se fala nada disso. Se ninguém mais tinha permissão para emprestar dinheiro a juros, mas eles eram, naqueles dias todo menino Judeu tinha, por assim dizer, um cartão de membro do Bankers' Student Union no bolso assim que nasceu. A usura era o privilégio inato dos Judeus, assim como a guerra era o privilégio do cavaleiro. Os Judeus a vigiavam com zelo, não se importavam que entre a população cristã esse privilégio de usura fosse considerado um "privilégio odiosum", um privilégio odioso e vergonhoso - ganhavam dinheiro com isso, pagavam aos reis e governantes, a cidade autoridades, na Alemanha, onde desde Otto I. quase em todos os lugares os bispos se tornaram senhores da cidade, esses fundos hereditários para poder praticar a usura livremente e sem perturbações. Quando, por exemplo, os habitantes da cidade de Cahors, no sul da França, os "Cahorsiner" ou como costumavam ser chamados na Alemanha na época, "kawerzen", também se colocaram na usura, os Judeus incomodaram ruidosamente as autoridades clericais responsáveis. até que os cristãos foram proibidos de pôr em perigo sua salvação por meio da usura, e somente os Judeus foram autorizados a explorar esse privilégio. Não um Nazista, mas o historiador liberal W. J Ashley (English Economic History, Part I, of the Middle Ages, Duncker and Humblot 1896) diz: à proteção real Os tribunais eclesiásticos foram obrigados a fechar os olhos para os atos dos Judeus, e como os tribunais foram autorizados a recorrer ao castigo extremo dos usurários Cristãos até o ano de 1274, excluí-lo do Ceia do Senhor e conceder-lhe um sepultamento Cristão

Portanto, é difícil ver como os Judeus poderiam ter sido prejudicados em seus negócios, mesmo que os tribunais tivessem sido corajosos o suficiente para tentar..."

Mas por que a igreja, que havia suprimido a usura entre a numerosa população Cristã com tanta energia, não foi capaz de romper os princípios econômicos que também pregava, de modo que mesmo as pequenas comunidades Judaicas fossem proibidas de usura? Uma estranha dualidade da igreja medieval logo se tornou aparente aqui. Os bispos se acostumaram muito cedo com a grande quantia de dinheiro de proteção da comunidade Judaica. O clero, por um lado, condenava todo Cristão que praticava a usura como um pecador mortal - e ainda assim aceitava alegremente o dinheiro de proteção que os Judeus pagavam aos senhores episcopais das cidades por tolerarem a usura. Ela sabia que, contra o melhor julgamento, estava vendendo seus próprios princípios a Mamom, mas sabia como silenciar sua consciência sobre isso. E se tivesse ficado assim! - Mas em 1090 o bispo Rüdiger Huozman von Speyer não se envergonhou de apresentar "o Judeu Judas, filho de Kalonymus, David, filho de Machullah, o Moisés, filho de Guthiel e seus companheiros" diante daqueles em extrema necessidade na época de renunciar o desafortunado imperador Henrique IV, que estava, portanto, pronto para fazer todo tipo de concessões; e este imperador, como escreveu amargamente no documento, teve que prometer aos Judeus, "por intervenção e pedidos tempestuosos do bispo Huozman von Speyer", além da proteção de sua pessoa e de seus bens, que estariam isentos de direitos alfandegários em todo o império e ter total liberdade de todos os direitos públicos ou privados; Nenhum alojamento deveria ser colocado em suas casas, eles não deveriam ter que fornecer cavalos para as viagens do bispo ou para os serviços de mensageiro do império.

Mas então veio a provisão principal: "Mas se uma coisa roubada for encontrada por você e o Judeu disser que a comprou, então ele deve jurar de acordo com sua lei por quanto ele comprou e por quanto ele deve obter e só deve assim devolver a coisa a quem ela pertencia." Havia também uma regra de procedimento: "Se um Cristão tem uma disputa com um Judeu ou um Judeu com um Cristão sobre um assunto, Todo mundo deve, de acordo com a situação, ser julgado de acordo com sua lei e provar seu caso, e ninguém pode obrigar o Judeu à (sentença ordenada de) ferro quente ou água quente ou fria, nem pode açoita -lo ou envia - lo para a prisão, mas o Judeu só jurará por sua lei depois de 40 dias, e não poderá ser vencido por nenhuma testemunha de forma alguma". Isso significava nada mais nada menos de que todo Judeu tinha o direito de comprar bens roubados. Se o legítimo proprietário exigisse as mercadorias, o Judeu poderia jurar que as havia tomado como garantia. Por maior que fosse a suspeita contra ele, ele não poderia ser submetido à provação e nem à tortura que era costume na época, mas podia jurar ao seu bolso de acordo com sua lei. E o melhor de tudo - a evidência de testemunhas não contava contra ele!

Os Judeus receberam assim um privilégio sem precedentes em seus efeitos e significado. Eles se tornaram protegidos do estado. Você deve estar ciente de que, de acordo com a lei Alemã da época, a aquisição de propriedade roubada para propriedade legal era estritamente proibida. De acordo com a lei Alemã, qualquer pessoa que comprasse bens roubados de boa fé só poderia ser liberada da penalidade – mas não adquiriria a propriedade dos bens roubados. O "Sachsenspiegel" diz expressamente: "Mas digo que , ele (o Hebreu) tem criado seu mercado comun, je ne wete nem wene (ele sabe), então a culpa (do roubo) lhe é inculcada, deste he the stat (o lugar) provar e você está jurado fazer. Seus centavos perdidos ele possue, quem gaf em torno de mim, e você os guarda bem, que eu perdi ou af gerovet alguma coisa." (Sp. LR.II 36 4). Da mesma forma, a lei de Lübeck afirma que, se alguém por engano comprou bens roubados em um mercado público, ele "deve ser considerado inocente e responsabilizado, mas ao mesmo tempo deve ficar sem o dinheiro e a propriedade". Isso é diferente na lei Judaica já de início. De acordo com a lei Judaica (Talmud, Baba kamma 115a), se um terceiro adquire a propriedade dos bens roubados, mesmo entre os Judeus, apenas se o ladrão for um conhecido "proteção de mercado não se aplica a ele". Isso foi rapidamente estendido na lei Talmúdica no sentido de que a "proteção do mercado" se aplica não apenas ao mercado aberto, mas a todos os negócios. No Shulchan Aruch, o princípio então prevaleceu com total clareza: "Ao vendedor deve ser devolvido, mas tem direito ao reembolso do preço de compra" (Schroer a.a., vol. p.284), - ou seja, exatamente o regulamento que os Judeus em Speyer aplicam para si mesmos. Eles então aplicaram essa lei Judaica em todos os lugares. Eles tem uma consciência por causa dos não-judeus roubados, que de acordo com a lei Judaica não têm propriedade legal de qualquer maneira. Excediam seus rendimentos na usura. Aqui reside uma raiz muito decisiva da acumulação Judaica de riqueza. É o que o pregador penitenciário Peter von Cluny aponta por volta de 1146: "O que eles possuem, é roubado de maneira vergonhosa, e como eles, que são os piores, até agora impunes por sua insolência, devem assim ser retirado deles sempre. O que eu digo é conhecido por todos. Pois eles enchem seus celeiros de milho, suas adegas de vinho, suas bolsas de dinheiro, seus cofres de ouro e prata, não com agricultura honesta, nem com serviço militar legal, nem com qualquer comércio útil, mas sim com o que eles obtêm enganosamente privando pessoas pelo que secretamente compram de ladrões, sabendo como conseguir as coisas mais preciosas pelo menor preço." Uma fonte de imenso enriquecimento se abriu para os Judeus. Eram agora também os protegidos do Estado.

* Sachsenspiegel - antigo livro de leis Germânico.

Vergonhosamente, quase todas as autoridades deram aos Judeus esse enorme privilégio - mas o trabalho honesto foi prejudicado, já que agora estava em toda parte prejudicado com bens roubados. Se a linguagem dos criminosos em toda a Europa ainda tem termos técnicos Hebraicos, isso remonta à época em que esse tipo de tráfico de bandidos no país se concentrava entre os Judeus. Os Judeus então montaram oficinas inteiras de "Taltel und Klammonis" (pés-de-cabra e equipamentos de roubo); A crônica de Dietrich Westhoff de Dortmund relata em 1486: "Este ano, no dia de São Lucas Evangelista, em 18 de outubro, um Judeu chamado Michael foi encontrado em Dortmund, o qual mandou fazer instrumentos e seu próprio equipamento, com os quais ele construiu as casas e era capaz de abri-las... apreendido em escritura aparente ". Uma verdadeira epidemia de roubo emanou dos bairros Judeus.

Em Regensburg, por exemplo, os arquivos nos diziam que até mesmo panos molhados eram roubados do moinho de enchimento dos tecelões de lã e fabricantes de tecidos e depois encontrados entre os Judeus; os tecelões de lã e fabricantes de tecidos disseram que seus servos e filhos "foram provocados e incitados pelos Judeus a roubar lã, fios, tecidos e implementos e trazê-los para a cidade Judaica". No processo das guildas de Frankfurt, pouco antes da grande expulsão dos Judeus (entregue em 17 de novembro de 1612), é expressamente declarado que os "Judeus incitam e seduzem outros cristãos simplórios ao roubo, o Judeu Gutmut, que zum hollerbusch u.a. Lorenz Onde o menino do ourives foi incitado a roubar o dinheiro de seu mestre, o menino também gritou quando passou pelo beco se não tivesse encontrado algo, pois não há nada mais comum entre os Judeus do que comprarem bens roubados para si". Agora as matérias-primas eram frequentemente roubadas. Essas matérias-primas também chegavam ao bairro Judeu, e ouvimos dizer que lá eram processadas pelos Judeus e por jornaleiros desempregados, muitas vezes por pessoas que não eram toleradas em nenhuma guilda por causa de sua desonestidade.

O comércio de bens penhorados, vencidos, roubados e malfeitos caracterizava assim o ganho dos Judeus. O negócio de empréstimos foi apenas até certo ponto, o ponto de partida legal para fazer com que o comércio generalizado de mercadorias continuasse com novos suprimentos. Não foi apenas a usura do dinheiro, mas precisamente a usura social dos Judeus medievais que irritou o povo. A usura do dinheiro já era ruim o suficiente. Schenk Erasmus diz em 1487: "O homen pobre é roubado e abusado para que ele não seja mais suportado, e Deus tenha misericórdia. e tomar juros de juros e deste interesse por sua vez, para que o pobre perca tudo o que tem." Eles logo se acostumaram a vender os itens penhorados antes de vencerem, forçavam os fazendeiros que lhes deviam dinheiro a vender alimentos e outros produtos mais baratos aos credores Judeus e, assim, prejudicar todos os outros comerciantes. Eles, por sua vez, vendiam mercadorias em Borg e cobravam um preço mais alto por elas. Introduziram o costume das "vacas Judias", que colocavam sob a casa do campones e pelas quais o

campones tinha que fazer um pagamento específico; se o fazendeiro os tivesse engordado, eles tirariam as vacas dele assim que ele estivesse apenas uma parcela atrás. Aldeias inteiras foram hipotecadas a Judeus. Por exemplo, por volta de 1150 encontramos a aldeia de Klein-Tinz perto de Breslau em penhor de propriedade Judaica e, como a Silésia, também vemos numerosos Judeus no sul da Alemanha possuindo terras; Em Regensburg, por volta de 1510, o rico Judeu Mosseh Sohn de Auerbach adquiriu todo o subúrbio de Stadtamhof de Regensburg, em parte comprando-o e em parte por títulos hipotecários. Todas as entradas das guildas medievais, todos os livros da cidade velha estão cheios de queixas sobre o fato de os Judeus ganharem suas riquezas por meios desonestos. Não só romperam com a então economia urbana de necessidade voltada para a preservação do trabalho honroso em todos os lugares, impuseram seus bens aos compradores, violaram as proibições existentes de presentes em todos os lugares, com bens inferiores, com "Bowel" e "tinnef" (ambas expressões são de origem hebraica) circulavam por aí - por exemplo, a grande reclamação das antigas guildas de Frankfurt do ano de 1612 está cheia de reclamações contra os Judeus. Em detalhe, eles são acusados de ter violado as normas legais impostas a eles em todos os lugares "e com mercadorias roubadas, anéis falsos, roupas velhas, roupões e outras inúmeras coisas, também provavelmente para si com coisas impróprias, levaram o dinheiro e os itens da dívida, dinheiro e moedas emprestados e a receita escrita em dinheiro ou ouro... também que todos os Judeus, ninguém exceto, em sua maneira enganosa, maligna, venenosa, alegam culpa de manuscritos mal alinhados, independentemente de nunca terem concordado com nada. ., também o recibo e a confirmação do recebimento (reversos) escritos na língua Hebraica, para que os meninos e as mulheres simples possam ser enganados mais cedo e mais facilmente".

Os judeus são repreendidos "como se fossem guildas, comprando e vendendo pérolas, pedras preciosas, vinho, tecidos, couro e roupas, cavalos, gado e inumeráveis bens... e assim, causar um grande aumento nas dívidas, bem como o fato de que os Judeus deduzem presentes e doações deles e, no entanto, permitem que eles paguem juros, também exigem outras obrigações fora das dívidas forçam e extorquem os pobres a grandes danos , para que isso não aconteça o que resta é que os Judeus lidam com todas as suas ações, contratos e cálculos com toda a astúcia, logro e malícia e pretendem derrubar e desfavorecer os Cristãos". Toda a Idade Média concordou que a raiz da riqueza Judaica daquela época era a usura, o recebimento de bens roubados, a exploração e a fraude. Essa riqueza não era pequena, não importa o quão habilmente os Judeus a escondessem. O cronista Anselmus de Parengar, por exemplo, descreve o apartamento do "grão-mestre dos Judeus" em Regensburg no século XV:

"A casa, do lado de fora, é um monte de pedras cinza-escuro e musgoso, intercalado com pequenas e grandes janelas com grades fechadas, dificilmente parecia habitável, tinha um corredor de mais de 24 metros de comprimento, que era pouco iluminado no Sábado. , que levava a uma escada em espiral escura e meio arruinada, Dali, por causa da noite negra como corvo, era preciso tatear pelas paredes até o prédio dos fundos. Um portão bem guardado se abria e entrava-se em um prédio que alegremente decorado com flores, rico em esplendor e valor, as paredes revestidas com madeira finamente polida e adornadas com cortinas onduladas e coloridas entrelaçadas e esculturas artificiais. com ritos religiosos e prazeres encantadores.Um valioso tapete colorido e ilustrado cobria o chão polido, um vermelho ardente, de lã fina, a redonda, mesa apoiada em pés dourados. E acima deles flutuava o candelabro de oito braços, preso a uma corrente de metal reluzente, brilhando como se fundido em uma única peça e emitindo um fluxo de luz de oito lâmpadas. Ao redor da mesa de banquete, adornada com taças de prata de peso pesado e trabalhadas por um mestre, havia cadeiras com costas altas incrustadas de ouro e almofadas de veludo tosquiado. Num nicho, o lavatório de prata maciça convidava à lavagem obrigatória das mãos e o linho mais fino, entrelaçado com seda, de alto preço, secava as mãos limpas. Uma mesa de carvalho magistralmente incrustada, cingida de fios de flores, decorada com os prêmios fixos e o jarro de vinho reluzente, uma espreguiçadeira de gosto oriental, com estofamento de seda inchado e um armário de prata cheio de jóias, correntes e fechos de ouro, dourado com vasos de prata e antiguidades de prata eram o rico cenário, que encerrava esta estrutura de esplendor, do templo da casa do mordomo." Em Frankfurt am Main, o Judeu "Josef zum Goldenen Schwan" foi descrito pelo escritor Judeu J.Münz ("Vida Judaica na Idade Média", Leipzig 1930) como "talvez o financista mais importante do século XVI". Do emprestador ao artesão, do cavaleiro, do "homenzinho" na cidade e no campo, este Judeu, que rapidamente enriqueceu com sua usura e privilégio roubado, com seu variado comércio de bens adquiridos desonestamente, subiu ao favor dos príncipes. Tornou-se um emprestador principesco e, em troca, os Judeus fizeram com que os príncipes cobrassem os impostos deles. Já em 1364 encontramos o Judeu Moses Nuremberg coletando impostos em Heidelberg, e o Judeu Schallum Lem coletando impostos em Krems.

Agora será objetado que os Judeus tiveram que pagar aos príncipes somas consideráveis pela tolerância. Isso é verdade, mas não deve ser exagerado. O imposto pago pelos Judeus ao Reich não era alto.

4.333 florins em juros por ano, totalizou 60 florins por ano, ou seja, não chega a 1,40% da renda" (hauser, "History of Judaism"). Todo imposto de renda é ainda maior hoje. Com certeza, alguns desses impostos Judaicos foram aumentados mais tarde, mas nunca foram esmagadores. A riqueza dos Judeus foi mais cedo afetada pelo grande resgate de dívidas Judaicas em 1385, que o imperador Wenzel realizou. Todo o capital que os Judeus emprestaram, na medida em que as cidades da Francônia e da Suábia haviam acordado isso com o imperador, não mais rendeu juros ali, mas foi reembolsado aos Judeus; se o capital fosse emprestado por mais de um ano, os juros eram adicionados ao capital e então um total de 85% era reembolsado aos Judeus. Um segundo desembolso de 1390, destinado a resgatar numerosas famílias nobres muito endividadas, sobretudo a cavalaria imperial, esgotada pelo serviço militar, libertou completamente das dívidas aquelas pessoas que tinham altas taxas de juros de Judeus. A Câmara do Reich assumiu a quitação das dívidas, os Judeus receberam 75 por cento de suas reivindicações pagas, um acordo foi alcançado com os devedores em 30 por cento e, em troca, eles deveriam prestar ao Reich "um serviço honesto", ou seja, principalmente o serviço militar. Por maior que tenha sido o clamor sobre essa medida, ela pode ser comparada mais a uma espécie de alívio oficial da dívida moderna - a Reichsritterschaft cumpriu muitas tarefas oficiais do Velho Reich - do que a um confisco. O editor da Crônica de Nuremberg também diz: "Apesar de tudo isso, a riqueza dos Judeus parece tão pequena quanto sua disposição de pedir dinheiro emprestado a juros ter se esgotado, e a necessidade de levantar capital mais facilmente os encontrou novamente e novamente, mesmo que as condições fossem naturais, era ainda mais opressivo para os devedores e a taxa de juros aumentava em proporção à redução da segurança geral ... quão indecente e usurário teria agido um grande número de Judeus. Os bens Judeus não foram danificados por este negócio roubado.

Mais tarde, no entanto, tais reduções foram tentadas apenas em uma extensão muito pequena, se é que foram. Eram perturbações compensadas por prémios de risco devidamente calculados.

O Judeu da corte nos séculos 16, 17 e 18 pelo menos com base nestas lucrativas oportunidades de aquisição através de bens roubados e usura, com todas as suas ramificações, trouxe consigo grandes fortunas, que só agora lhe ofereciam oportunidades de lucro completamente diferentes e ainda mais favoráveis.

A Era dos Judeus da Corte.

Mesmo antes da Guerra dos Trinta Anos, os Judeus haviam conquistado destaque nas cortes principescas. O Judeu Josel von Rosheim (1480 a 1500), originalmente um negociante de dinheiro, tornou-se uma forte influência sobre o imperador Carlos V e seu irmão, o rei Fernando; ele ainda não era um Judeu da corte real, mas sim um advogado dos Judeus; Michel Jud von Derenburg, a quem Lutero também menciona como um "Judeu rico", desde 1543 era supremo conselheiro privado em Berlim, mas já negociava empréstimos, negociava material de guerra, ele mesmo recrutava tropas e recebia grandes privilégios do imperador Fernando I. e vários outros príncipes , muito rico, possuía inúmeras casas em Hildesheim, Hanover, Fürth, Schwabach, Berlim, Frankfurt a. D. Seu sucessor em favor do Eleitor Joaquim II de Brandemburgo foi o Judeu Lippoldo, que administrava principalmente a Casa da Moeda de Brandemburgo e ficou imensamente rico. Após a morte do eleitor, ele foi levado a julgamento; ele era provavelmente um dos mais terríveis exploradores do povo Judeu em Berlim, havia montado antros de jogo e a crônica relatava: "Todas as antigas famílias de Berlim e Colônia desapareceram no final do século 16", e que foi atribuído ao "sinistro Lippoldo ben Clumchin, o Judeu de Praga, o chefe da nação nas terras de Brandemburgo; ele era mestre da moeda, valete, contador do marquês e eleitor, agente em seus assuntos secretos e penhorista para os patrícios de Berlim". O Judeu Gabriel von Salamanka, Judeu da corte do arquiduque, mais tarde imperador Fernando I no Tirol, era igualmente odiado pelo povo. Sua expulsão foi um dos principais objetivos da Guerra dos Camponeses no Tirol em 1525. Ele foi acusado de ter adquirido tanto no pobre Tirol que conseguiu comprar uma propriedade inteira na Borgonha. Onde quer que os Judeus se tornassem tão poderosos, eles também promoviam melhorias para seus companheiros de raça. Em 1599, o arcebispo Ernst de Colônia permitiu que os Judeus cobrassem juros mais altos do que a taxa legal. Em vão o povo se defendeu contra a ultrajante usura Judaica. Nada mostra melhor a influência dos Judeus e seu poder financeiro do que o fato de que durante a Guerra dos Trinta Anos, o imperador Fernando II proibiu todos os seus líderes militares de saquear os Judeus. Após a Guerra dos Trinta Anos, descobrimos que quase todas as cortes Alemãs tinha um Judeu de corte poderoso e influente. Já em 1633, testemunhou-se ao Judeu Lázaro de Praga que ele "obteve batedores e notificações, que eram muito importantes para a Armada Imperial, ou as obteve às suas próprias custas, e sempre se esforçou para trazer todo tipo de roupa e munições para a Armada Imperial". O Grande Eleitor de Brandemburgo tinha os Judeus da corte Leimann Gompertz e Salomon Elias "de grande proveito em suas operações militares, pois tinham que atender as necessidades dos exércitos com muitos suprimentos de artilharia, fuzis, pólvora, peças de montagem, etc". , como eles testemunharam torna-se.

Mesmo em tribunais muito pequenos, bem como nos maiores, os Judeus sentavam-se e realmente administravam as receitas fiscais. Na corte Vienense encontramos os Judeus da corte Josef Pinkerle von Görtz, Mausche e Jakob Marburger von Gradisca, Jakob Bassewi Batscheba Schmieles de Praga (que recebeu o nobre título de "Treuenburg" de Fernando II). Sob Leopoldo I, o Judeu Oppenheimer era o verdadeiro mestre da corte Vienense. O chanceler estadual Ludwig relatou sobre ele: "Em 1690, a famosa família de Judeus Oppenheimer floresceu entre os mercadores e cambistas, não apenas na Europa, mas em todo o mundo civilizado... Especialmente em Viena, as coisas mais importantes dependiam do trabalho e confiabilidade dos Judeus ..." ." O que não impediu Oppenheimer de ser um grande problema. Uma gangue Judaica foi pega, usando o ladrão profissional não Judeu Nickel Lift, que havia cometido roubos e furtos em Lüneburg, durante o qual a "Tábua de Ouro" em St. Mary's foi roubada, para fazer campanha mais vigorosamente por esses bandidos! Fator da corte na corte imperial Também estava na corte o Judeu Wolf Schlesinger, que, junto com Lewel Sinzheim, concedeu empréstimos ao estado.

As pequenas cortes principescas dependiam em parte do favor financeiro dos Judeus como um homem enforcado em uma corda. Além do próprio Judeu da corte, logo surgiu o agente Judeu, que obtinha empréstimos para os príncipes menores nas cidades maiores, comprava joias e os governava à sua maneira. Por exemplo, o Judeu Português Daniel Abensur era um feitor e ministro residente do rei da Polônia em Hamburgo em 1711, e o tribunal de Hanover era governado pelo Judeu Berend (Baruch), o principal feitor do tribunal e agente de câmara. A corte do Palatinado estava nas mãos dos Judeus da corte Michel May e Lemte Moses; Quantos Judeus individuais também ganharam em pequenos tribunais é mostrado, por exemplo, pelos arquivos dos Judeus da corte de Bayreuth publicados pelo rabino Judeu Eckstein: "Quando Margrave Georg Friedrich Karl assumiu o cargo em 1727, havia tanta falta de dinheiro em a corrida principesca que o fator da corte Frankel em Fürth era de 10.000 florins teve que ajudar. As seguintes responsabilidades da família margravial são conhecidas desde o final de 1831: Veit e Salomon Samson tinham um crédito residual de 14.213 fl., garantido por hipoteca através da renda de um escritório: as relíquias do modelo em Neuburg tinham uma dívida residual de 14.400 fl., relíquias Meyer em Eger tinha uma dívida remanescente de 17.553 fl., dos quais 4.000 fl. deveriam ser pagos anualmente. Do final de 1732: as relíquias de Samson Seligmann em Ansbach para mercadorias entregues 840 fl., As relíquias de Meyer 4000 fl., o Löw Jos. Sundheimer em Fürth para um anel 4000 fl. Hambúrgueres em Baiersdorf 4000 fl. à 5%, o Samsons 2000 fl., Model em Neuburg 2640 fl., os judeus da corte de Ansbach Gebr. Fränkel e Michael no total 2573 fl. emprestados à princesa mais velha, os herdeiros de Zach, que também era nomeado Judeu da corte em Bayreuth.

Frankel e amigos em Fürth 27.411 fl., Também 12.000 a 6%, que adiantaram em 1731 para resgatar a prata que havia sido colocada. Após a morte de Marquês Georg Friedrich Carl.

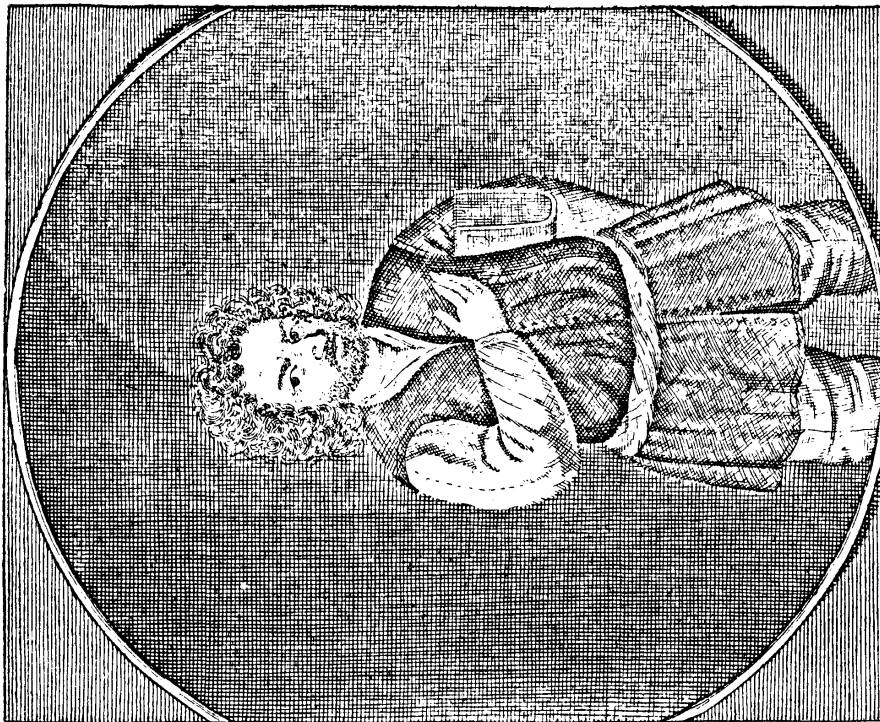
Em 1737, a paisagem assumiu uma dívida dos aposentos principescos com Zach. Os herdeiros de Frankel no valor de 100.000 florins a 5%, pelos quais os credores receberam 12 títulos como garantia, que devem ser pagos em 6 anos." tinha uma reserva de prata de 40.000 Gulden; ele era tão poderoso que conseguiu aumentar a pequena comunidade Judaica em Bayreuth de 10 famílias para 34. Apenas um desses muitos Judeus da corte, embora o mais notório, foi o Judeu Suess Oppenheimer , nascido em 1692 (ou 1685), nascido de pequenas circunstâncias, caiu na confiança do príncipe Karl Alexander de Württemberg e então, por muito tempo até a morte deste príncipe, o atual governante de Württemberg, ele reduziu pequenas mudanças ao longo do estado de Württemberg, de modo que quase apenas dinheiro em ouro circulou, e então vários agentes converteram o dinheiro em ouro em pequenas moedas por uma alta taxa de câmbio. Com suas criaçoes, ele fundou uma administração central e sábia ("Tutelarrat"), que assumiu todos os bens dos órfãos e os administrou contra grandes esportistas, organizou um comércio de escritório desprezível, criou uma "comissão gratuita" para os delitos dos súditos espionava questões tributárias e cobrava altas taxas pela repressão; finalmente, o estado simplesmente parou de fazer pagamentos a seus funcionários públicos e instruiu os vários cofres do estado a tomar empréstimos de Süss. Os juros desses empréstimos eram deduzidos dos salários dos funcionários, ou seja, um centavo de cada florim.Quando os pobres suábios resistiram, o governante servil os obrigou a se alojar em cidades e vilas. A morte do duque, no momento em que ele estava prestes a iniciar uma violação sem direitos da constituição de Württemberg, também pôs fim ao governo de Suss. O horrível Judeu usurário foi executado. No entanto, alguém estaria muito enganado se visse a principal fonte de prosperidade Judaica no século 18 nas lojas dos Judeus da corte. Nos séculos 17 e 18, esses eram apenas o auge da riqueza Judaica. Outras fontes fluíam muito mais abundantemente. Assim como surgiram na Holanda, Judeus Espanhóis e Portugueses também apareceram em solo Alemão nessa época. Eram portadores dos grandes negócios ultramarinos, alguns deles já mais ricos. Eles estavam intimamente ligados aos negócios de seus parentes na Holanda, e esses negócios eram em grande parte tráfico de escravos! A história das colônias Holandesas da América do Sul e das Índias Ocidentais não pode ser separada do comércio de escravos. Em 1624 os Holandeses se estabeleceram no norte do Brasil, e uma massa de Judeus Portugueses e Espanhóis, mas também Judeus Portugueses da Holanda, foi para lá.

Um diário de viagem de 1649 escrito pelo Alemão anglófono Nienhoff diz: "Entre os habitantes livres do Brasil que não estavam a serviço da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, a maioria eram de Judeus que vieram da Holanda para cá. Eles tinham um grande comércio, negociavam e compravam engenhos de açúcar , construíam casas senhoriais, eram todos comerciantes, e poderiam ter sido muito úteis ao Brasil Holandês se tivessem mantido os limites decentes do comércio." Na ilha de Barbados, a população branca consistia quase exclusivamente de Judeus, quando os Ingleses conquistaram a ilha em 1627, havia quase exclusivamente proprietários de plantações Judeus e escravos negros; Em 1655 o Judeu Benjamin da Costa apareceu na Martinica Francesa com 900 Judeus e 1100 escravos negros. Esses Judeus Portugueses e Espanhóis na Alemanha tiveram acesso a esse comércio de escravos e cana-de-açúcar, que se baseava na mais terrível exploração dos escravos negros. Eles ficaram em Hamburgo desde 1612, e 12 financistas Judeus já estavam envolvidos quando o Banco de Hamburgo foi fundado; o pregador protestante Schoppius descreve tal Judeu já em 1661 com enorme riqueza: "Vim para Hamburgo com um grande cavalheiro, dei um passeio depois do jantar e dei uma olhada na cidade. Finalmente cheguei ao Neustadt e queria falar com meu querido amigo. Quando cheguei à casa dele, um deles conduzia em uma bela carruagem forrada de veludo. Ao lado da carruagem corria um criado vestido com libré. E quando o cocheiro parou, o criado, após profunda referência, abriu a carruagem e tirou um velho que usava um longo manto de seda. Achei que devia ser um bispo ou um príncipe ou conde. Tirei o chapéu tão baixo como se fosse o eleitor da Saxônia e disse a uma mulher: Quem é o cavalheiro? A mulher honesta e piedosa respondeu-me com lábios risonhos: Ele é Judeu, mas é chamado de Judeu rico. Não pude me surpreender e pensei: você, Judeu rico, como alguns Cristãos, você e seus ancestrais podem ter trapaceado até juntar dinheiro suficiente para administrar uma propriedade maior do que alguns nobres antigos e condes imperiais da Alemanha conseguem? Seus ancestrais não tinham lhe dado dinheiro em Veneza, Amsterdã ou Hamburgo quando Tito, filho de Vespasiano, reduziu Jerusalém a cinzas." Mas o comércio ultramarino e os ganhos com escravos eram apenas uma pequena parte dos negócios Judaicos.

Roubo era a prioridade aqui. Desde que sérias revoltas Cossacas na Polônia em 1648 levaram à expulsão de Judeus de regiões inteiras, a Alemanha foi inundada por criminosos Judeus. Da venda de produtos defeituosos, os Judeus passaram a organizar roubos. Eventualmente, gangues Judaicas de ladrões se formaram. Essas gangues eram um incômodo para provincías inteiras; entre 1790 e 1810 eles saqueavam o povo na Renânia, em Mecklenburg, na Baviera em uma larga escala.

Embora a invasão mencionada em Lüneburg tenha sido causada por gangues Judaicas, encontramos muitos julgamentos contra Judeus e suas gangues por roubo ao longo dos séculos 17 e 18; Provavelmente as gangues mais perigosas foram aquelas que Moses Abraham e seus filhos organizaram na Renânia no final do século 18 e sobre as quais aprendemos em particular na "História dessas gangues de ladrões em ambos os lados do Reno" nas notas do promotor público Keil, em Colônia (1804), é bem conhecido; Mas ainda em 1824, o diretor da prisão bávara Karl Stuhlmüller estimou que os danos que os Judeus causavam na Baviera todos os anos através de roubos, assaltos e fraudes de todos os tipos eram de pelo menos três milhões de florins e era da opinião de que praticamente todos os Judeus no país também eram "cumplices ", ou seja, estavam aliado aos bandidos. Os comerciantes Judeus gostavam de se estabelecer no país de tal forma que faziam grandes encomendas, vendiam as mercadorias e depois "faliam" ("fugiam"), de modo que na Prússia, por exemplo, Frederico, o Grande, decidiu que em 1750, 1767 e 1780 as comunidades Judaicas teriam que pagar pelos danos causados por cada falência e responsabilizaram pessoalmente os anciãos Judeus se o Judeu falido fugisse. Os Chalfen também iam às lojas dos mercadores e pediam-lhes que trocassem ou vendessem certa quantia de dinheiro; Eles então ajudavam o comerciante que ia pegar o dinheiro e roubavam o que encontravam na caixa registradora. O "negociante de chassime" deixava um pacote lacrado com o hospedeiro onde estava hospedado, no qual afirmava ter embalado um item valioso (jóias, etc.), depois ele mesmo roubava o pacote e processava o estalajadeiro pelo pagamento do valor. Ou pedia ao hospedeiro que guardasse para ele o dinheiro que havia lacrado. Um segundo Judeu roubava o pacote ou embalava algo sem valor no lugar e depois o depositante reclamava furioso pelo dinheiro depositado. "Neppen", ou seja, vender objetos sem valor como verdadeiros e valiosos, também alimentava muitos Judeus e os tornava ricos como "Neppeschaurers". O chamado "Cohnen-handel" era um negócio paralelo bem popular e lucrativo para os Judeus até meados do século passado. O Judeu pedia a um fazendeiro que fosse ao padre e descobrisse quanto valia uma determinada quantia em moedas de ouro, se o fazendeiro desse então a informação correta, o Judeu dizia: "Você pode comprar estas moedas mais barato por isso!" Se o agricultor as comprasse, descobria depois que eram falsas. Os " metodos de lavagem " também era particularmente popular. O Judeu veio como um homem infeliz, outrora rico, que teve de fugir, em 1790 como um aristocrata Francês, em 1795 como um refugiado Polaco, depois de 1806 como um patriota Prussiano,

48
Natan Hirschl der Pragerische Jüdenschafft Pri,
mas, ünd deß höbraischen Yesatzes approbierter
Püpen=maister, in seinem Schulklendt
An außbünd aller sib, a schelm, a galgnstrikh
ser süchet in betrüg ünd list sein gröstes glückh,
ser alte Herschl, Jüd schwordt wear Er alß a Köuln
biß Ihn mit gröiß ünd bordt der Teifl jou wird höuln

Der Jüde Samüel Löbel sonst Schmiel genandt
Durch Raub und Dieberey den Reichen wol bekandt
Als Ihm die Tauffe nicht das Leben konte schenken
Ließ Er güt Jüdisch sich nebst einem Jüden henken.
F. T. Delius ad viv. del. Zell.
I. C. B. sc. Lip.

Der Jude Hoscheneck ein listger Bösewicht,
Der sieben Diebstähl hat verwegen ausgericht.
Sucht durch ein Tollkraut zwar die Wache zu betriegen
Muß aber seinen Lohn am galgen endlich kriegen.
F. T. Delius del.
J. C. B. sc.

Ein Erbdieb; Lästerer der nun an Füßen hängt
So erst am Halse hing Des Zunge durch das Feuer
Verzehrt ist: Den ein Hund am galgen mit umfängt
Ein Schelme Christen-Feind: der Jude Jonas Meyer.
F. F. Delius ad viv. delin. Zell
J. C. Bocklin sculp. Lipsiae

que teve de fugir dos capangas de Napoleão, depois de 1831 novamente como um refugiado Polaco , mas sempre como vítima de uma convulsão do Estado, que agora teve que vender uma valiosa jóia de sua família a um hospedeiro. Outros hóspedes que "coincidentemente" estavam na pousada, claro, também Judeus envolvidos, elogiavam e elogiavam a valiosa jóia. Se o hospedeiro ou outro "sorteado" a comprasse, o "pobre refugiado" desaparecia discretamente - mas as valiosas jóias da família revelavam-se uma cópia sem valor. No "comércio de Pischim", o comprador não-Judeu era enganado pelo Judeu através de "shatnes", ou seja, o Judeu, que se passava por comerciante estrangeiro, oferecia linho puro ou lã pura - mas quando o comprador verificava o material, era inferior . Os Judeus também ganharam muito dinheiro como "Meramme-Moos-Melochner" (moedeiros falsificadores) e "Blüten Schmeisser" (negociantes de papel-moeda falsificado). Mas o que era particularmente popular - como ainda é o caso dos Judeus orientais hoje - era o "Cheilefzieh", ou furto de carteira. A própria palavra é uma zombaria dos não-Judeus. "Cheilef" significa a gordura, a gordura dos porcos. O "extrator de cheilef" tirava a gordura, a melhor peça, nomeadamente a carteira, da pessoa impura, o "porco", o não-Judeu. Na maioria das vezes, vários Judeus trabalhavam juntos. Quando a diligência estava viajando bem devagar, o "artilheiro" Judeu entrava em ação, saltando cuidadosamente por trás da carruagem e cortando as malas. O "Kelofim-Zinker" aproveitou-se da estupidez das pessoas, jogou cartas e enganou os não-Judeus no jogo de cartas como um "jogador" ou "Freischupper". O "Sefelgräber" (escavador de tesouros) conseguiu que as pessoas lhe dessem adiantamentos para descobrir tesouros enterrados, como ainda acontece hoje. Depois que teve esses avanços, ele nunca mais aparecia. O negócio mais lucrativo, porém, continuou sendo o do "jogador esperto" (cercado), que comprava os bens roubados (ferida); No século XVIII, "ir ao Mauschel" significava "ir até a cerca". Judeus completamente degenerados provavelmente também se sustentavam através de "Bilbil - Melochen", ou seja, através de chantagem. Eles colocaram suas esposas ou filhas Judias em contato com homens não-Judeus e então, como maridos ou pais raivosos, tiraram deles muito dinheiro - assim como Abraão, o patriarca, que já havia feito isso. A fraude Judaica era definitivamente o cerne de todas as fraudes naquela época. O versículo circulava entre o povo: "Se o ladrão não conhecesse sua cerca, não se tornaria ladrão e ladrão. Entre os Judeus, o que é roubado pelos ladrões está escondido". Não parou por aí. Do roubo ao furto de carteira, o Judeu desempenhou um papel de liderança no crime. O decreto de Frederico, o Grande, de 1740, ao ministro da Silésia, von Hoym, mostra como eles eram vistos pelos príncipes sensatos e perspicazes: "Pois se os Judeus forem abolidos e os Cristãos forem levados a fazer negócios em seu lugar, então teremos pessoas e menos Judeus, e isso é para o bem do país, segundo o qual vocês agora têm que agir."

Para Breslau, o rei estipulou em 1744 que "a população Judaica inútil que anteriormente predominava na capital de Breslau deveria ser evacuada dentro de dois meses, mas algumas famílias Judias notórias necessárias para a cunhagem seriam toleradas e o mesmo com alguns tipos de mercadorias seriam comercializadas al grosso, mas não poderiam de forma alguma ser permitidas com lojas abertas". É claro que os Judeus contornaram todos esses regulamentos. Os comerciantes de vários países pediram em vão o fim dessa concorrência suja. Os mercadores de Breslau descreveram um truque particularmente frutífero numa queixa de 1794: “Na verdade, assim que um jovem comerciante se estabelece, estes Judeus vêm e o convencem a fazer algo usando todos os tipos de falsas pretensões.

Ele evitou o tapeceiro falante.

a comprar temporariamente bens de que ele não precisa e a fornecê-los para ele. Agora, um jovem tão jovem vai embora. Se um homem for induzido a fazê-lo por suas palavras enganosas, então o primeiro fundamento de sua subsequente queda inevitável foi lançado e, enquanto a situação continuar, ele se tornará um verdadeiro tesouro para esses vilões. Os três a quatro meses logo terão passado, agora ele deve pagar, a mercadoria que ainda não foi vendida e não há dinheiro. Agora vem o Hebreu, e o que você fará? Você tem que pagar, tem que vender, o mais rápido possível, vou conseguir um novo crédito para você novamente! Isso continua até que a corda esteja em sua tensão mais alta e arrebente. Então o valor do armazém é completamente depreciado por essas pessoas e transformado em dinheiro, e o Judeu foge. É por isso que, quando ocorre a falência, não é mais possível encontrar estoques ou armazéns e, na maioria das vezes, você não consegue obter de cinco a dez por cento disso.”

Alguns anos mais tarde, em 1800, ouvimos falar de uma nova reclamação dos mesmos comerciantes: Nenhuma casa comercial Judaica cumpria a venda dos bens permitidos. As pessoas negociam com tudo e com todos e, assim, mexem com o ofício dos comerciantes Cristãos honestos. Fortes protestos foram novamente feitos contra o tráfico maligno. O luxo que prevalece nas famílias Judias, como se diz noutros lugares, é demonstrado pelo número de casas que os Judeus possuem, pelas hipotecas e pelo capital que lhes é registrado - a nobreza fundiária da Silésia também se queixou violentamente da usura Judaica na época melhor acima de tudo, quão grande era a riqueza dos Judeus. Os comerciantes por fim nos garantem que usarão todas as suas forças para “erradicar o mal consumidor do estado e esmagar as sementes do nosso infortúnio certo, por mais poderoso que ele seja, infelizmente, já tinha criado raízes”. O século 18 está repleto de queixas desesperadas do povo comum e dos trabalhadores sobre os métodos comerciais enganosos e informais dos Judeus, sobre a natureza implacável da competição, das fisgas, das vendas de porcaria, da exploração da emergência, e desta forma os Judeus tornaram-se realmente rico. Sombart ("Os Judeus e a Vida Econômica", p. 215) diz: "Em 1725 encontramos os seguintes Judeus ricos em Hamburgo, Altona e Wandsbeck:

Joel Salomon . . 210 000 Mb.*
Seinen Schwieger-
sohn. . . . . . 50 000 ".
Elias Oppen-
heimer . . . . . 300 000. ".
Moses Gold-
schmidt . . . . . . 60 000 "
Alex Papenheim . 60 000. "
Elias Salomon . .200 000. ".
Philip Elias . . . . 50 000. ".
Samuel Schiesser 60 000 "
Berend Heyman . 75 000. ".
Samson Nathan . 100 000. ".
Moses Hamm . . . 75 000 ".
Sam. Abrahams.
Ww . . . . 60 000. "
Alexander Isaac . 60 000. ".
Meyer Berend . . 400 000. "
Salomon Berens 1 600 000 ".
Isaac Hertz . . . 150 000 Mb.
Mangelus Hey
mann . . . 200 000 "
Nathan Bendir . 100 000 "
Philipp Mangelus 100 000 "
Jac. Philip . . . . 50 000 "
Abrah Oppen-
heimer Ww. . . . 60 000 "
Zacharia Daniels
Ws. und Tochter
W. . . . . 150 000 "
Sim. del Banco. . 150 000. "
Marr Casten . . . 200 000. "
Carsten Marr . . . . 60 000. "
Abrah. Lazarus . . 150 000. "
Berend Salomon. 600 000 " Rthlr
Meyer Berens . . . 400 000 "
Abr. von Halle . . . 150 000. "
Abr. Nathan . . . . 150 000. "

Juntas, essas 31 ou 32 pessoas já administravam mais de 6 milhões de marcos no banco. Em 1593 encontramos em Frankfurt a. M. apenas 4 Judeus (além de 54 Cristãos = 7,4%) que tributam bens de mais de 15.000 florins; Em 1607 já eram 16 (além de 90 Cristãos = 17,7%). Em 1618, o Judeu mais pobre tinha que ter uma fortuna em dinheiro de 1.000 florins, o mais pobre

* M.b. Mark banco

dos Cristãos tinha 50 fl.; Neste ano, os Judeus arrecadaram 3.627,85 florins, segundo estimativas, enquanto a renda total da cidade foi de apenas 20.972,225 florins. Cerca de 300 famílias Judias pagaram 100.900 florins por alojamentos de soldados e taxas de entrincheiramento nos anos 1634-1650; por exemplo, em 1634 14.400 fl.; 1635 14.800 fl.; 1636 11.200 fl., etc. No final do século 18, o número de contribuintes Judeus em Frankfurt a. M. aumentou para 753, que juntos lidam com pelo menos 6 milhões de fl. Mais de metade deste valor vai para as 12 famílias mais ricas, nomeadamente as seguintes:

Família	Valor
Speyer	604 000 fl.
Reiss-Ellissen .	299 916 “
Haas,Kann,Stern	256 500 “
Schuster,Getz,Amschel	253 075 “
Goldschmidt . .	235 000 “
May	211 000 “
Oppenheimer	171 500 fl
Wertheimer	138 600 “
Flörsheim	166 666 “
Rindskopf	115 600 “
Rothschild	109 375 “
Sichel	107 000 “

E mesmo os Judeus de Berlim do início do século XVIII já não eram mais pobres aproveitadores. Das 120 famílias Judias que existiam em Berlim em 1737, apenas 10 tinham menos de 1.000 táleres nos seus bens, todas as outras tinham 200-20.000 táleres ou mais.”

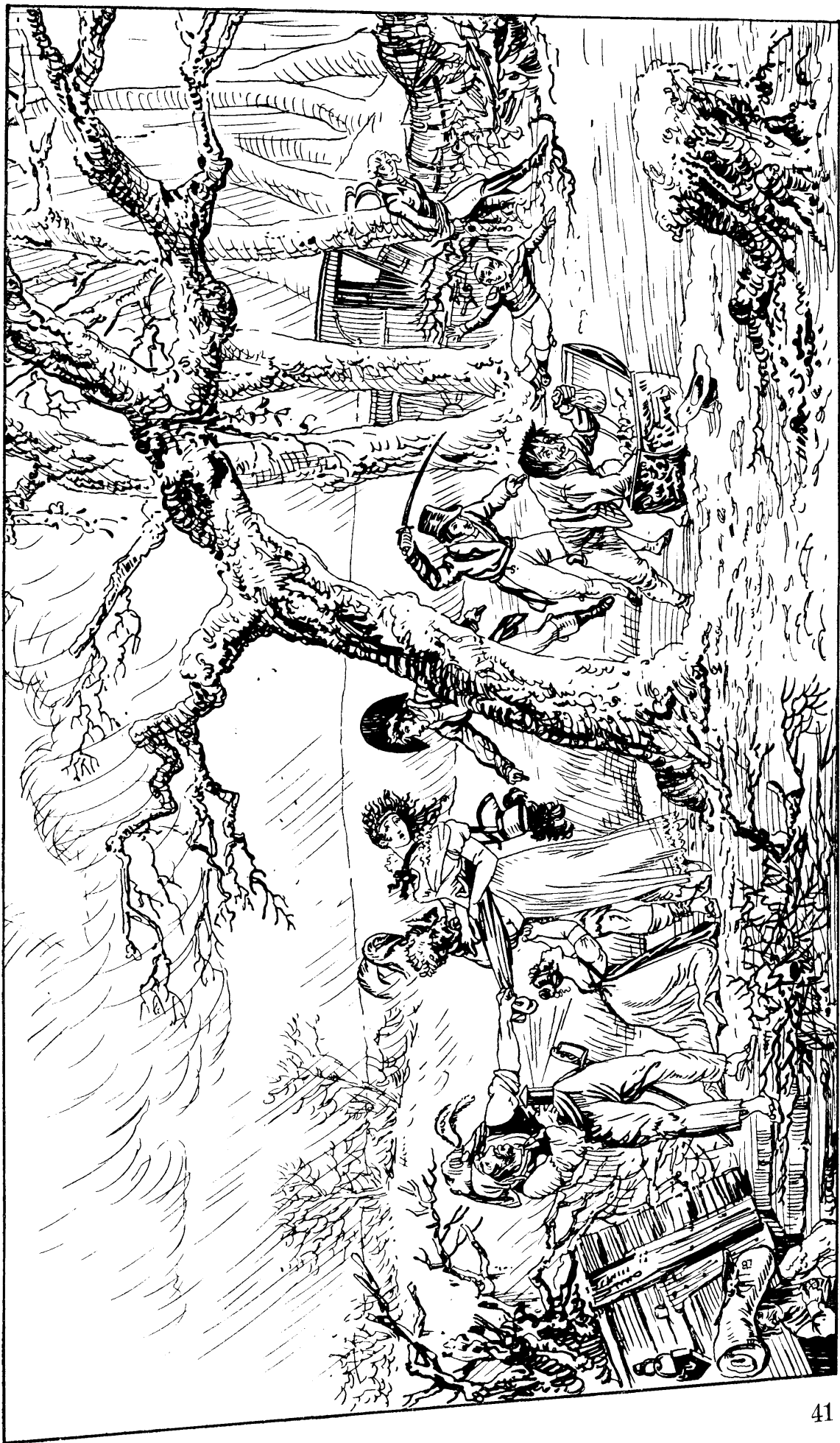
Criação da riqueza judaica no século 19.

Pode-se dizer que dentro do Judaísmo no século XVIII havia um grupo relativamente pequeno com uma riqueza muito grande (Judeus da corte, agentes da corte, negociantes de câmbio e grandes comerciantes), enquanto a massa de Judeus que vivia nos bairros Judeus e na Judengasse* geralmente não era rica. , era parcialmente pobre, e sua aquisição e sua propriedade basearam-se em grande parte em bases puramente fraudulentas. O final do século XVIII e o início do século XIX trouxeram subitamente aos Judeus uma nova criação de riqueza muito forte. Esse estrato bastante amplo de Judeus ricos, encontrados nas residências como Judeus da corte, Judeus da casa da moeda e Judeus industriários, foram os primeiro a alcançar a igualdade social, em parte através das lojas Maçônicas, que foram usadas pelo Judaísmo como portas de entrada na sociedade. Ao mesmo tempo, dentro do Judaísmo na Alemanha e na França, o traje Judaico e o dialeto Ídiche foram abandonados. Na França, em 1791, e na Prússia, em 1812, os Judeus conquistaram a igualdade política; Nas áreas Alemãs que ficaram sob domínio direto Francês durante o período napoleónico, a França deu-lhes esta igualdade.

É impressionante como estes direitos foram concedidos aos Judeus contra as advertências dos verdadeiros especialistas e ao mesmo tempo indicativo da influência oculta que os Judeus já exerciam naquela época. Na Assembleia Nacional Francesa, o Abade Maury descreveu os Judeus: “Eles nunca fizeram outra coisa senão negociar dinheiro.

* Gueto Judaico em Frankfurt

O suor dos escravos Cristãos espalha-se pelos campos onde prospera a riqueza Judaica. O povo tem um ódio pelos Judeus que inevitavelmente irá explodir se a sua prosperidade continuar a aumentar.” Ernst Moritz Arndt caracterizou os Judeus: “Por longos séculos afastados da lealdade e da retidão que acompanham os negócios tranquilos e simples da vida, impacientes com cada labuta difícil e trabalho árduo, um Judeu prefere morrer de fome. . . Do que ele ganha o pão com o suor do seu rosto. "Com seus sentidos e impulsos vagando por aí, à espreita, sendo arrogante, desonesto e servil, ele prefere tolerar todos os insultos e misérias do que o trabalho constante e difícil." Kant, Herder, Goethe alertaram - no entanto, prevaleceu a ideia de que era possível elevar moral e moralmente o Judaísmo e fazer desaparecer as suas características desagradáveis, garantindo direitos iguais e educação igual. cargos de oficial, no início do século XIX um grande número de atividades que antes lhe estavam fechadas, a profissão de advogado, traficante de natal e jornalista, foi admitido em todas as profissões comerciais, contra o conselho do barão da pedra, o direito para adquirir terras - os encargos anteriores foram eliminados; nenhum tributo pessoal foi mais cobrado dos Judeus que imigravam para as cidades, o número de Judeus não estava mais limitado, como antes, aos "Judeus protetores" aprovados - os judeus poderiam se tornar qualquer coisa! Se a actividade de usurário e os ofícios associados lhe tivessem sido realmente impostos, ele poderia agora ter-se tornado agricultor, mineiro, ferreiro de aldeia, pescador, marinheiro e assumido todas as profissões úteis sem qualquer dano ou dificuldade.

O que o Judaísmo realmente fez? Entre 1790 e 1830, a violenta criminalidade Judaica experimentou um novo boom. Entre 1790 e 1810, gangues de ladrões Judeus fortemente armados tornaram a Renânia insegura. Em 1824, o diretor da prisão bávara Stuhlmüller tinha mais de 250 ladrões profissionais Judeus, fraudadores profissionais e ladrões em Plassenburg.Em 1832, o investigador criminal prussiano Thiele descobriu a grande organização de cerca Judaica, que foi julgada no julgamento Judaico de Betsche com quase 300 réus. . Só lentamente esta corrupção judaica mudou a sua actividade de roubo violento com o carneiro e o "Reb Moshe", o grande pé-de-cabra, para formas menos perigosas de corrupção, sem que o número de criminosos Judeus diminuísse. Apenas ficou na frente do mesmo cais em que seu pai ou avô se sentou como "Baal Masematte" (líder ladrão), Chailefzieh (batedor de carteiras) e Margitzer (ladrão de lavanderia), agora advogado Kohn ou Lewi implorou por compaixão e compreensão para o pobre criminoso, vítima da sociedade!. No entanto, a introdução da liberdade de comércio resultou num enorme enriquecimento para um grande número de Judeus. Na Prússia, por decreto de 2 de novembro de 1810, a operação comercial de fábricas e artesanato foi aberta a qualquer pessoa que obtivesse uma patente comercial.

Überfall jüdischer Räuber auf eine Postkutsche. (Seltenes französisches Bild um 1800.)

As guildas não foram dissolvidas, mas todos tinham o direito de praticar qualquer ofício, quer o tivessem aprendido ou não. Esta foi a oportunidade certa para os Judeus. Agora, com a permissão da lei, eles poderiam fazer o que fizeram durante a Idade Média contra a resistência desesperada das corporações. Eles foram capazes de minar o trabalho honesto com produtos baratos e de má qualidade e explorar os trabalhadores domésticos e esmagar os artesãos honestos com esses produtos extraídos da miséria sangrenta. Os séculos estão cheios de reclamações sobre os métodos de concorrência Judaicos contra o artesanato. Em 1842 ouvimos de um observador atento (A. v. Chappius: "A liberdade incondicional de comércio e a fragmentação progressiva das mercadorias nas suas formas desorganizadas", 1842): "Na verdade, o exército de especuladores usurários e por outro lado, também a população Judaica, não só na Alemanha, aumentou de uma forma inédita, mas também enriqueceu proporcionalmente ao empobrecimento da classe dos artesãos, de modo que qualquer pessoa que conheça a história deve desejar que tal maldade acabe.

Colocamos dois números um contra o outro. De 1816 a 1850, o número de Judeus em Berlim aumentou de 3.373 para 10.037; Em 1831, contudo, dos 1.088 carpinteiros independentes em Berlim, 640 tiveram de ser isentos de todos os impostos devido à pobreza extrema, 203 pagaram a taxa de imposto mais baixa, apenas 83 pagaram a taxa de imposto média, apenas 82 eram ricos. O desespero nas cidades era tão grande que em 1819 em Würzburg, Bayreuth, Meiningen, Heidelberg e Frankfurt a. M. chegou a revoltas furiosas contra os Judeus. O magistrado de Schwerin relatou em 1819: "O clima degenerou em ódio entre os cidadãos que, em tempos mais recentes, forçaram a entrada na cidade sob o poder soberano dos Judeus em seus negócios e sem o nosso consentimento, na verdade, sem a exigência de nossa opinião mais submissa "As empresas foram arruinadas ou sofreram significativamente ou foram enganadas de várias maneiras".

A liberdade de comércio tornou-se a ruína do ofício erudito e sólido - e a mina de ouro dos Judeus. Durante um milénio, o honrado mestre artesão Alemão defendeu o princípio de que apenas produtos honestos e sólidos deveriam ser entregues a um preço pelo qual o fabricante e o comprador recebessem o valor do seu dinheiro. Em 1850, um observador declarou: "Como resultado da competição entre trapaceiros e verdadeiros artesãos comprovados, eles também são forçados a manter os mesmos preços e, portanto, também são forçados a entregar produtos leves e prejudiciais, feitos de materiais pobres. . . Embora costumava ser uma questão de honra para a classe artesã entregar apenas produtos bons e sólidos e isso era particularmente respeitado pelas guildas, esse sentimento de honra tinha que piorar cada vez mais, e a honra do artesão valioso tinha que diminuir cada vez mais e mais ao mesmo tempo. Os artesãos na Alemanha resistiram em vão a este desenvolvimento e protestaram contra ele repetidas vezes; como os "Regulamentos Comerciais para a Confederação da Alemanha do Norte" em 1869,

adotados como Lei do Reich para os estados do Sul da Alemanha em 1871, estabeleceram mais uma vez a total liberdade de comércio, a loja de sucata Judaica teve a rédea solta. Em 1874, o presidente da Associação de Artesanato da Alemanha Oriental, mestre alfaiate Weiss, escreveu amargamente ao "Norddeutsche Allgemeine Zeitung": "No máximo, temos o direito de treinar aprendizes para os Judeus e seus companheiros Judeus, para que eles possam então usar e tratar os artesãos bem treinados como seus trabalhadores em grandes feiras comerciais E os cavalheiros que não aprendiam nada apenas usavam seu capital para tornar tudo útil sendo então os fazedores; eles então recebem os prêmios, medalhas e outros prêmios, e o artesão produtivo apenas observava como um Löwy, Cohn ou... Meyer decorava com penas estrangeiras." Agora, de repente, até o menor Judeu conseguia "ganhar" muito dinheiro. Com "Fezes e Tripa"*, com lixo de todos os tipos, ele fundou suas lojas de departamentos e lojas baratas de uso diário por todas as ruas, perseguiu o cliente, forçou-lhes as mercadorias, desenvolveu o negócio de pagamento - e o artesanato sólido e honesto tiveram que fazer o mesmo mas foram forçados a ficar para trás. Além disso, como "membros tardios da guilda", eles se permitiam ser bombardeados com desprezo e humilhação por parte dos Judeus.

Os Judeus destruíram deliberadamente o conceito de bens de qualidade entre o povo, promoveram produtos baratos, lixo e estilingues, e venderam produtos aparentemente elegantes, mas na realidade inferiores, sob a aparência de modernidade. As expressões "tela Judaica" e "chita Judaica" para bens inferiores tornaram-se prática comum desde o início. Não parou por aí. Sem hesitar, o comerciante Judeu faliu ou ameaçou falir para prejudicar os seus credores e colocar o dinheiro deles no bolso: "Ele consegue isso através da seguinte manobra: em vez de reduzir ou parar completamente as suas encomendas como resultado da vendas fracas das mercadorias, ele as aumenta. Enquanto ainda tiver crédito, ele deseja aproveitá-lo ao máximo. Ao aumentar os pedidos, ele quer dar a impressão de que seu negócio está se desenvolvendo bem. Ele paga em dia parte da mercadoria recebida, mas faz uso crescente do crédito; e ele o concede de bom grado porque o fornecedor não quer perder um cliente tão bom. O Judeu agora desperdiça alguns dos bens recebidos a crédito por menos do que o preço de compra, e alguns membros de sua tribo sempre o ajudam comprando grandes lotes dos bens pela metade do preço e vendendo-os mais barato em suas próprias lojas ou mais barato como lotes. entrega de mercadorias para outros irmãos crentes. O candidato à falência coloca parte da renda em boa garantia e usa a outra parte para fazer pagamentos parciais aos fornecedores, a fim de mantê-los o maior tempo possível e aumentar gradualmente o crédito até o nível mais alto. Se ele teve sucesso e o roubo agora parece valer a pena, ele finalmente para de fazer pagamentos, com o mais profundo pesar de que o mau momento e as perdas acidentais, infelizmente, não fizeram o negócio valer a pena.

* "Tinnef e Bowel" expressão em Idiche usada nos círculos mercantis do século 19.

Os credores encontram um armazém muito reduzido e uma corrida vazia e ficam em desvantagem. O patrono inteligente dificilmente pode ser tratado em tribunal; os livros estão aparentemente em ordem: as vendas de lotes baratos justificam-se pelo facto de as mercadorias terem de ser vendidas para não saírem de moda; As avultadas somas que foram contabilizadas na conta privada justificam-se pelo grande esforço da casa, pela aparência nobre necessária ao interesse da reputação empresarial e às ligações sociais indispensáveis - em suma: "não há nada de errado com o homem. " (Roderich-Stoltheim: "O enigma do sucesso judaico".) Vendas, acordos parcelados, grande parte dos quais logo estavam nas mãos do Judeu Leskowitz por volta de 1900, itens de atração, exposição na vitrine, preços ocultos e mistura de bens - tudo isso caracterizou a economia Judaica. O Tribunal de Apelação de Berlim declarou em 14 de novembro de 1907: "É sabido no tribunal que as lojas de departamentos tentam atrair um grande número de clientes vendendo itens de baixo valor destinados ao consumo em massa a preços visivelmente baratos, mas ao vender outros itens eles tentam atrair preços muito mais elevados do que os que as pequenas e médias empresas exigem." Esta é também uma reviravolta tipicamente Judaica para minar o trabalho honesto. O moral dos negócios desmoronou; Sombart diz sobre os Judeus: "Os Judeus correram contra o mundo firmemente estabelecido da velha solidez, e nós os vemos violando esta ordem econômica e este ethos econômico a cada passo."

Um dos mais astutos observadores dos Judeus, Dr. Otto Boeckel ("A Quintessência da Questão Judaica", Marburg 1887), diz sobre o envolvimento dos Judeus na economia alemã no final do século XIX: "A cidade de Frankfurt a. M., como todos sabem, é um lugar bem abastecido de Judeus; Existem 13.000 Judeus em cerca de 150.000 habitantes. Então você pode facilmente ver se os Judeus participam do trabalho produtivo ou não. Usando o catálogo de endereços de Frankfurt, calculei a distribuição dos Judeus em diversas ocupações produtivas e improdutivas e descobri o seguinte:

Do total de mestres pedreiros (115), carpinteiros (61), carpinteiros (343), vidraceiros (58), serralheiros (216), ferreiros (152), ferreiros (51), telhados (45), relojoeiros (65), carpinteiros (40), encadernadores (78), tanoeiros (62), barbeiros (102), limpadores de chaminés (28), jardineiros alvejantes (73), carroceiros (75), não há um único Judeu. Além de 514 alfaiates Alemães, encontramos 4 alfaiates Judeus. Alguém ainda se atreve a afirmar que os Judeus participam no trabalho produtivo?

Então, vamos ver para onde foram nossos Judeus! Encontramos em Frankfurt a. M. 206 bancos e atos especiais, incluindo 146 Judeus e 59 Alemães; Dos 80 corretores da bolsa juramentados (com uma renda anual de cerca de 20.000 marcos), 72 são Judeus e apenas 8 são Alemães, e dos 81 corretores da bolsa não juramentados, 78 são Judeus e apenas 3 são Alemães. Isto se chama emancipação Judaica:

Trabalho para os Alemães, Serviço profissional para os Judeus, os Judeus entendiam a emancipação de acordo com este belo princípio. Para mostrar ainda mais claramente como os Judeus, apesar de toda a sua humanidade e igualdade, ainda não renunciaram ao privilégio medieval do comércio, acrescentarei os seguintes números:

Existem em Frankfurt a. M. como proprietário de	Judeu.	Alemão
Lojas de casacos femininos e mantilhas	13.	6
Lojas de roupas de trabalho	10.	2
Lojas de guarda-roupas rapazes e senhores .	37	4
Lojas de manufatura e artigos de moda	101.	34
Lojas de relógios	10.	1
Ações de pele e pêlo	33.	9
Lojas de couro	49.	26
Lojas de frutas	23.	1
Lojas de farinhas e produtos regionais	58.	15
Lojas de antiguidades	17.	4
Antiquários	9.	5
Advogados	27.	18
Mas acima de tudo, e esta é a melhor parte, como dono de transações parceladas.	8.	0

Novos truques especiais foram desenvolvidos pelos Judeus. À medida que as principais cidades Alemãs cresciam, a fraude na construção Judaica florescia. Foi fundada uma construtora, começaram a ser construídas casas, os mestres pedreiros, mestres pintores, vidraceiros e outros artesãos esperaram até que a construção estivesse terminada - e de repente o proprietário da 2ª ou 3ª hipoteca, muitas vezes ele próprio membro do consórcio de construção ou cúmplice, começou a "ficar inquieto", fez o leilão da casa, comprou-a para a sua e para as hipotecas anteriores, e os artesãos cujo trabalho e dinheiro foram investidos neste edifício foram eliminados. Houve uma fraude vergonhosa no trabalho .

Das 830 casas construídas em Berlim em 1893, 90% foram leiloadas antes mesmo de a construção ser paga; Em 230 deles, até os fundos de seguro de saúde dos trabalhadores foram perdidos. “As empresas terrenas são apenas pessoas jurídicas constituídas ad hoc para ocultar as transações e odiá-las. Pagam dividendos de 20%, enquanto os artesãos perdem milhões, cerca de 30 milhões todos os anos só em Berlim. Os dividendos são constituídos por essas perdas” (“Neuland”, edição 11, p.44).

Otto Glagau descobriu uma nova farsa Judaica: a saber, o método Judaico de fundar sociedades por ações alienadas, enganar os fundos depositados pelos Arianos, mudar os valores - e depois deixar a empresa falir com alegria: “O médico milagroso Strousberg fabricou 65 milhões em 1868, milhões de Tálers nas linhas ferroviárias Romenas, que se tornou uma verdadeira epidemia, arruinou milhares de pessoas.

Entre 1870 e 1873, cerca de 1.300 novas sociedades anônimas foram fundadas na Alemanha, cerca de 1.100 delas somente na Prússia. 90 por cento dos fundadores eram Judeus ou de ascendência Judaica." Os Judeus alcançaram o maior ponto de viragem quando fundaram o Reichsbank Alemão, que em vez de ser uma instituição estatal, por instigação do membro Judeu do Reichstag Bamberger, como o antigo oponente Judeu Perrot disse que uma "sociedade anônima privilegiada por e para Judeus" foi criada. Quando foi fundado, o Comitê Seleto do Reichsbank era composto pelos Conselhos Comerciais Secretos: R. Warschauer, Zwicker, Plaut, von Bleichröder, von Hansemann, Barão M. C. von Rothschild, A. Mayer, Siegfried B. Behrent, Mendelsohn, Barão Abraham von Oppenheimer e Th. Stern, — quase exclusivamente Judeus. O antigo "Catecismo Antissemita" (1891, p.304) já dizia corretamente: "O capital social do banco ascende a 120 milhões de Marcos; Em troca do depósito de 100 milhões de Marcos em activos seguros (metais preciosos e notas hipotecárias), o Reichsbank tem o direito de emitir 300 milhões de Marcos em notas. Os donos do banco receberam 200 milhões de Maks de presente sem juros! Além disso, o banco está livre de todos os impostos estaduais sobre a renda e as empresas. . . Ocorreu uma fraude notória na subscrição de ações do Reichsbank. Em 4 de Junho de 1875, as ações seriam disponibilizadas para subscrição ao grande público por 20 milhões de marcos. . . Quando o sorteio começou publicamente no dia mencionado, descobriu-se que mais de 4.000 desenhos já haviam sido aceitos por esses 20 milhões de marcos! Sim, já em 1º de junho, os Judeus ofereceram e venderam as ações em questão na bolsa de valores com uma margem de lucro de 18 por cento." Tal como a liberdade de comércio nas cidades, a livre divisão da terra no campo tornou-se a ruína do trabalho honesto Alemão. O Barão von Stein advertiu em vão contra a aplicação da livre divisão de herança à propriedade da terra: ". . . Devido à legislação sucessória Romana e à divisibilidade ilimitada das propriedades e fazendas nobres, a nobreza se dissolveu de uma nobreza de propriedade independente em uma nobreza de corte e serviço; Os agricultores tornam-se diaristas, ralé, e pela servidão aos latifundiários cria-se uma servidão muito pior aos Judeus e usurários." Ninguém o ouviu.

Se o agricultor tivesse de partilhar a sua quinta no seu leito de morte, um dos filhos geralmente tentava assumir o controle da quinta como um todo; Ele tinha que pagar seus irmãos para esse propósito. Como ele não poderia fazer isso sozinho, ele teve que procurar o Judeu. O Judeu emprestou-lhe o dinheiro ou trouxe-o como contrabandista para o banco hipotecário Judeu - que saqueou o agricultor e finalmente o expulsou da fazenda para vendê-la em pedaços, porque os pedaços menores de terra poderiam ser bem aproveitados. dada a falta de espaço da população Alemã. Foi assim que finalmente surgiu um negócio Judaico de açougue. Novamente, Dr. Boeckel von Hesse: "Existem, por exemplo, no distrito de Eschwege de 1878 a 1882 em

"Lá, por exemplo, no distrito de Eschwege, de 1878 a 1882, um total de 29 mercadorias foram massacradas, a maioria por Judeus. No distrito de Frankenberg, foram observados 36 massacres em 17 comunidades entre 1877 e 1882; Dos explorados, 17 eram Judeus e apenas 3 eram Alemães. Também deve ser notado que se o abate de mercadorias continuar desta forma dentro de cerca de 15 anos, haverá apenas um número muito pequeno de agricultores no distrito de Frankenberg que não serão escravos financeiros dos matadores de mercadorias Judeus." São chocantes os relatórios da Associação para a Política Social na sua pesquisa "Sobre as condições rurais na Alemanha" de 1883. Aqui é dito do Baixo Westerwald: ". . . Portanto era inevitável

A usura Judaica (Desenho de 1850)

que a população rural caia frequentemente nas mãos de usurários, especialmente dos Judeus, que dominam completamente o mercado de gado e não hesitam em forçar o agricultor dependente a comprar artigos completamente supérfluos e sem valor. Do distrito de Merzig a.d. No Sarre ouvimos uma descrição destes Judeus: "Usando os seus agentes, os seus espiões, que têm nas aldeias de toda a classe camponesa, eles descobrem onde um agricultor precisa urgentemente de dinheiro; então aparecem imediatamente e não vão embora até terem "ajudado" o pequeno agricultor; e agora eles "ajudam" enquanto o nosso pequeno agricultor ainda for "bom", ou seja, enquanto ainda houver um centavo nos seus bens que ainda não lhes tenha sido confiscado. Se tal agiota alguma vez "ajudou" o camponês com alguns Marcos, este último está em completo poder do seu tirano;

Ele agora tem que comprar dele o que ele impõe ao pobre, sempre caro demais, sempre em hora inconveniente, sempre sem dinheiro em troca de títulos. Em pouco tempo, isto é propriedade do agricultor para o "Judeu", e para fazer as coisas andarem um pouco mais rápido, o agricultor, claro, também tem que vender a vaca, a fruta, ao Judeu, e a mais ninguém; sempre levando em conta o que já foi recebido. Existe alguém mais pobre que um camponês nas mãos do agiota?

Como negociantes de gado, corretores de hipotecas e usurários, os Judeus colocaram agricultores individuais sob seu controle em regiões inteiras, mas no geral conseguiram monopolizar o comércio de grãos; Quando as fronteiras se abriram às importações estrangeiras de cereais, com a saída de Bismarck e a abolição das suas tarifas protetoras sob o Chanceler do Reich, von Caprivi, os Judeus dos cereais causaram a primeira grande crise agrícola.

Eles poderiam. Em 1888, o painel de árbitros da Bolsa de Produtos de Berlim já era composto pelos seguintes senhores: Moritz Hermann, Salinger, Keller, William Itzig, Josef Zielenziger, Moritz Simon, Emil Treitel, Gust. Salinger, Julius Heimann, Hermann Jacobi, Siegfried Sobernheim, Moritz Heilmann, Julius Cunow, Wilh. Herz, Adolf Frentzel — quase todos Judeus. O controle sobre os grãos alemães estava, portanto, nas mãos dos Judeus, e de 1891 a 1894 eles baixaram o preço do trigo de 222 marcos por 1.000 quilos para 135 marcos, o preço do centeio de 208 para 118 marcos e o preço da cevada. caem de 171 para 125 marcos. De repente, inúmeras propriedades e fazendas não podiam mais pagar os juros, ruíram e faliram, e leilões forçados se sucederam - não é exagero quando se diz que a "Crise de Caprivi" artificialmente criada ajudou os Judeus às custas da agricultura Alemã e rendeu pelo menos 2 bilhões de Marcos. Liberdade de comércio nas cidades, liberdade de usura, livre divisão de terras no campo – tudo isso oferecia aos Judeus a possibilidade de grande enriquecimento. É característico que os Judeus tenham expandido propositalmente as possibilidades já existentes de "mérito" indecente através de meios de fraude e violação aberta da lei.Entre 1870 e 1878, perante os tribunais de júri Prussianos, 2,5 vezes mais Judeus do que Alemães foram condenados por perjúrio, 3,5 vezes mais Judeus do que alemães foram condenados por falsificação e 18 vezes mais Judeus do que Alemães foram condenados por falência fraudulenta. O promotor público Kobligk declarou em 14 de dezembro de 1889 em Breslau no julgamento contra o Judeu M. Ehrenfried por fraude: "Está estatisticamente comprovado que 50 por cento dos Judeus acusados de fraude são absolvidos, enquanto apenas 20 por cento dos Cristãos são absolvidos um fato altamente impressionante. A razão para este estranho fenômeno no sistema de justiça criminal não é que seja mais fácil apresentar acusações contra fraudadores Judeus do que contra Cristãos - pelo contrário, uma vez que o Ministério Público sabe quão difícil é capturar fraudadores Judeus, eles atuam com mais cautela ainda e mais dificuldade - a razão é que entre os Judeus

pode-se reconhecer um tipo muito específico de fraudador que, com tenacidade, age constantemente de acordo com um plano específico em suas atividades criminosas. Na grande maioria dos casos, este tipo de pessoas possui recursos financeiros e pode, portanto, esperar por uma oportunidade adequada, escolher a vítima e enganá-la definitivamente. Se este tipo de fraudador é em si muito superior à sua vítima em termos de astúcia, também faz parte da prática comercial de tais malfeitores obrigar outras pessoas a fazer favores e até a praticar boas ações para poder contar com bons em caso de necessidade. Poder fazer declarações, enfim, para manter a reputação.

Este tipo de fraudador poderia, esperançosamente, sem ser mal compreendido, ser especificamente referido como fraudadores Judeus." As despesas que o povo Alemão teve de arcar para a preservação dos Judeus, um grupo predominantemente improdutivo de pessoas, foram estimadas no "Calendário Anti-semita" em 1891 em 438 milhões de Marcos para alimentos, 120 milhões para melhorias de propriedade e 400 milhões de Marcos como juros para aqueles na Alemanha com capital em mãos Judaicas, sem contar as perdas do povo Alemão para os Judeus através de fraude no mercado de ações e outras fraudes através de usura direta e indireta: "... se calcularmos muito baixo, podemos afirmar que temos o prazer de ter meio milhão de Judeus entre nós para ter que pagar pelo menos 1.000 milhões de Marcos anualmente - ou seja, um bilhão líquido! . . . É óbvio que este luxo insano de manter Judeus deve gradualmente arruinar até mesmo as pessoas mais ricas e trabalhadoras e tem-nas arruinado em todos os momentos", adverte o defensor contra o Judaísmo, Theodor Fritsch.

Num século, o Judaísmo ganhou uma riqueza fantástica em relação às massas do povo Alemão. Na Berlim de 1890 o número aumentou duas vezes e vinte vezes. O batizado e não batizado, começou a encher as universidades com seus camaradas raciais. Enquanto a população Judaica em Berlim representava apenas 5% da população total, as crianças Judias representavam 20% dos estudantes e 32% dos estudantes do ensino médio já em 1887. Na universidade, havia 160 entre 10.000 Judeus religiosos.

O Judaísmo tornou-se tão próspero que começava a assumir cada vez mais as carreiras mais elevadas e estava a caminho de se tornar a classe dominante do dinheiro dentro da população Alemã. Somente a partir desta crescente riqueza do Judaísmo, deste aumento simplesmente fantástico de riqueza no século passado, que os Judeus do gueto, os batedores de carteira, os negociantes de segunda mão e os pequenos comerciantes tornaram-se a classe mais rica da população Alemã

com a maior porcentagem de impostos , com o controle de áreas econômicas cruciais - e quase sempre sem uma das suas próprias realizações produtivas através da exploração astuta da fiabilidade, do legalismo e da falta de jeito dos Alemães - pôde-se apreciar a importância das gigantescas fortunas Judaicas acumuladas naquela época.
Era uma vez a Casa dos Rothschild. O velho Meir Amschel Rothschild da casa Hinterpfann na Judengasse em Frankfurt a. M. nascido em 1774, Judeu da corte do Conde Wilhelm de Hesse - Cassel, cujo ministro das finanças Buderus ele subornou, começou pequeno como negociante de dinheiro e usurário, e gradualmente conquistou a confiança do Conde, ele próprio um dos maiores prestamistas de dinheiro da época. Não tanto, como diz a lenda, da riqueza principesca que lhe foi confiada após a expulsão deste príncipe - na realidade ele não recebeu tanto - mas antes, se aproveitando das suas ligações comerciais, trabalhou com sucesso como um credor e, na época do bloqueio continental, como um grande contrabandista. Seus cinco filhos concretizaram a ideia norteadora de sua vida, a criação do vínculo governamental como meio de dominação mundial Judaica. Não era mais o Judeu da corte que emprestava pessoalmente ao príncipe, mas sim o banco que emitia um título do governo, vendia os certificados de ações ao público de poupança, adiantava ao Estado, antes de tudo ganhou somas consideráveis através de prêmios e comissões, e estava em uma posição para aumentar e diminuir os preços para controlar o crédito dos estados; e se um Estado quisesse realmente defender-se contra esta dominação financeira, os aforradores, que também eram proprietários desses títulos, mobilizavam-se e com a sua ajuda protegiam a usura excessiva do banco. A família Rothschild - embora o pai tenha sido expulso de Viena como cartógrafo e vigarista em 1796 - alcançou o controle das finanças estatais da Áustria e de Nápoles subornando o poderoso secretário particular do Chanceler Metternich, Gentz. Em 1816, o governo dos Rothschilds na Áustria foi tão firmemente estabelecido que os quatro irmãos Rothschild, Amschel Meir Rothschild, Kalman Meir Rothschild, Salomon Meir Rothschild e Jakob Meir Rothschild, receberam a nobreza Austríaca. Em 1820, o prefeito de Bremen, Smid, relatou: “A Casa de Rothschild é através de suas enormes transações financeiras, letras de câmbio e conexões de crédito, que agora se tornou um poder real e ganhou o controle do grande mercado monetário de tal forma que é capaz de inibir e promover os movimentos e operações daqueles que estão no poder e até mesmo das maiores potências Europeias e como lhe agradar.” Em 1821, Salomon Mayer Rothschild (é assim que ele se chama agora, em contraste com o antigo hebraico "Meir") foi para Viena; Não só o Estado austríaco, mas também o Chanceler do Estado Metternich caíram completamente nas mãos deste banco, que intermediou 70 milhões em 1821, 30 milhões em 1822, 23 milhões em 1826 e 80 milhões em 1832 em títulos do governo para a Áustria. A Casa de Rothschild emprestou ao Papa, pelo qual Kalman (Karl) Mayer Rothschild recebeu a Ordem de São Jorge.

O Vienense Rothschild construiu a Ferrovia Austríaca do Norte, de Viena à Galícia, com enormes lucros; Num acordo muito perverso, os Rothschilds arruinaram o estado Espanhol

Rothschild dirige os abutres falidos.

a fim de tomarem posse das minas de mercúrio Espanholas, outrora propriedade dos Fuggers. Os Rothschild sobreviveram à revolução de 1848 em Viena, mas também sobreviveram em Paris, onde os Rothschild Parisienses não

sem dificuldade, passou da realeza do “Rei Cidadão” Louis Phillippe, que era completamente dependente de seu próprio comando, primeiro para a Segunda República e depois Napoleão III, transferidos, continuaram o seu domínio da bolsa de valores francesa. Tão enorme era o poder de Rothschild que em 1848, o jornal Parisiense "Arbeit Sturmglocke" gritou para ele, que sobreviveu a todas as tempestades revolucionárias com seu dinheiro: “Senhor, você é um milagre! Apesar da maioria legal, Luís Filipe cai, a monarquia constitucional e a eloquência parlamentar têm de ceder, mas não vacilam. Os príncipes banqueiros estão em liquidação, os seus escritórios estão fechados, os grandes capitães da indústria e das companhias ferroviárias estão cambaleando, acionistas, comerciantes, fabricantes e banqueiros estão perecendo em massa. Os grandes caem sobre os pequenos, os pisoteados sobre os esmagados. Só eles permanecem inabaláveis no meio de tantas ruínas. . . toda a riqueza entra em colapso, toda a glória é degradada, todo o poder cai: o Judeu, o rei do nosso tempo, manteve o seu trono.” A Casa dos Rothschild não mudou mais tarde. Sob a aparência da maior “seriedade”, a velha malandragem permaneceu como sua característica básica. Os Rothschilds Vienenses sobreviveram às guerras de 1866 e 1870/71. Eles também sobreviveram à Guerra Mundial – no seu fim, o fogo do antigo espírito do engano despertou neles. Os três barões Albert Rothschild, Alfons Rothschild e Louis Rothschild controlavam o Österreichische Kreditanstalt mesmo antes da Guerra Mundial; Expandiram esta posição durante e depois da guerra e “controlavam” 75 por cento de toda a indústria na Áustria artificial criada em Saint Germain. O Barão Louis Rothschild foi Presidente do Conselho de Administração do Kreditanstalt e também membro do Conselho Geral do Banco Nacional Austríaco. Com grande habilidade, estes Judeus minaram a instituição de crédito e conseguiram que o governo intervisse para cobrir o enorme défice de 2 mil milhões de xelins. A Casa dos Rothschild tornou-se saudável às custas do povo Alemão na Áustria, o estado Austríaco do Sr. Dollfuß e Schuschnigg agarrou-se à Casa dos Rothschild como um homem enforcado numa corda; Mas financiou o melhor que pôde a manutenção do estado coercitivo negro e a luta contra o “Anschluss”.

Só quando o Führer chegou ao poder é que esta casa, que enriqueceu através da miséria de dezenas de milhares de pessoas trabalhadoras, encontrou o seu destino. O Judeu Louis Rothschild foi capturado e preso, a enorme propriedade dos Rothschild foi confiscada, que, além da rica coleção de arte, incluía as três grandes propriedades em Weidhofen an der Ybbs, em Steinbach im Ybbstal e em Landau perto de Neuhaus como pequena compensação pelo dano inominável que a Casa dos Rothschild causou ao nosso povo ao longo da história, quando a compensação pela fraude durante o colapso da União de Crédito Austríaca caiu nas mãos do nosso Estado Nacional Socialista. A Casa Rothschild nunca se estabeleceu realmente na Prússia. Outros Judeus estavam ativos lá. Em primeiro plano estava Gerson von Bleichröder, um especulador e banqueiro muito inteligente que foi nomeado cavaleiro.

Seu filho Hans von Bleichröder exerceu então considerável influência na política econômica durante a época de Bismarck. O tratado econômico entre a Alemanha e a França após a guerra de 1870/1 foi assinado do lado Alemão por Hans von Bleichröder - do lado Francês pelos Rothschild Parisienses. Gergen Bleichröder foi repetidamente acusado por ativistas antijudaicos do pré-guerra de ter utilizado informação política, que recebeu em abundância das suas estreitas relações com organismos oficiais, para seu próprio enriquecimento e para especulação altamente lucrativa. O facto de ter disponibilizado fundos a Bismarck em 1866, quando o parlamento Prussiano recusou fundos para a guerra, deu-lhe constante acesso a importantes negociações políticas.

A ferrovia Judia Strousberg era um caso à parte. Durante vários anos desempenhou um papel muito importante em Berlim. Ele fundou ferrovias, especialmente em países subdesenvolvidos. Ele ganhou grandes somas de dinheiro com a venda dessas ações e, eventualmente, passou de empresário ferroviário a puro especulador, usando todos os truques do mercado de ações para lançar até mesmo as ações mais questionáveis. Seu colapso arrastou inúmeras pessoas desavisadas ou confiantes, às profundezas.

Quase ainda pior do que ele foi o "cervo Turco", que enriqueceu com títulos Turcos extremamente ruins e com a fundação de ferrovias, cujos custos a Turquia na época não podia suportar. Várias razões, a compensação da guerra Francesa, o rápido crescimento da indústria após a fundação do Reich, mas sobretudo a inundação de Berlim com Judeus, resultaram na fundação de toda uma cadeia de bancos, numa fraude de ações do tipo que o mundo nunca tinha visto antes. Durante este período inicial, muitos Judeus fizeram fortunas cada vez maiores, embora nem todos tenham sido capazes de mantê-las. O exemplo do Sr. Strousberg encontrou imitação. Como Baruch Hirsch Strousberg veio para Inglaterra como um Bocher* de 12 anos, depois regressou de lá para Berlim como o "grande empresário ferroviário" e finalmente ganhou cerca de 50 milhões de marcos, teve o seu próprio jornal, o "Post", e não o fez. manter o mercado abaixo de 65 milhões de táleres 7 ½ º / o Os títulos Romenos foram inundados e, quando a sociedade podre entrou em colapso, nada poderia ser obtido dele porque ele havia desistido de sua enorme propriedade com casas e maravilhosos tesouros de arte para sua esposa, poderia e têm sido tentadores para muitos outros criarem fundações semelhantes. Durante a guerra de 1870/71, um grupo de Judeus lançou as "prioridades ferroviárias" americanas na Bolsa de Valores de Berlim, nas quais muitos perderam o seu dinheiro, mas foi só depois do acordo de paz que a era guilherminiana de direita começou. Nos anos de 1871 e 1872, 780 sociedades anônimas foram fundadas somente em Berlim. Otto Glagau, o antigo especialista em Judaísmo ("A bolsa de valores e a fraude fundadora em Berlim", Leipzig 1876) diz: "Os principais fundadores incluem as seguintes empresas: S. Bleichröder e Disconto - Gesellschaft, Berliner Handelsgesellschaft, G.Müller & Co e H.C. Plau,

* Bocher - Estudante do Talmud

S.Abel jr, Jakob Landau, Julius Alexander, Delbruck = Leo & Co., FW Krause & Co., Platho & Wolff, Ries & Itzinger, Robert Thode & Co., A. Paderstein & Eduard Mamroth, Deutsche Genossenschafts - Banco (Soergel, Parrisius & Co.) e Norddeutsche Grund-Credit-Bank, Meyer Ball, Carl Coppel & Co., Meyer Cohn, Feig & Pincus, Hirschfeld & Wolff, Joseph Jacques, Moritz Löwe & Co. Em muitos casos, os verdadeiros fundadores esconderam-se atrás de nomes obscuros e genéricos.

Instituições antigas e anteriormente sólidas caíram nas mãos de Judeus especuladores; O Banco de crédito fundíario Prussiano, que estava proibido por lei de realizar transações especulativas, estava sob a influência do Judeu Wolff Paradies. A partir dai foi fundada a “Instituição de crédito Prussiana”. — O que era característico de muitas dessas empresas era que faziam enormes promessas às sociedades por ações que fundavam, enriquecendo-se assim à custa dos poupadores. Foi lamentável
que muitos altos funcionários do Estado e homens respeitados se deixaram capturar por estas empresas.

A extorsão imobiliária e a fraude nos canteiros de obras eram particularmente graves. Surgiam empresas de construção cujo único objetivo era construir casas com o dinheiro dos artesãos, e depois não pagá-los, mas colocar a casa em leilão através de alguém por trás dela, de modo que os construtores desistiam e um camarada do consórcio vendia a casa leiloada.

Otto Glagau diz: “Muitos dos que se mudaram há alguns anos com mochilas nas costas, usando saias finas e calças remendadas, agora têm uma loja elegante ou um grande escritório, são proprietários, eleitores e vereadores, mantêm equipamentos e empregados , tem uma palavra a dizer nas reuniões e definir o tom da sociedade.”

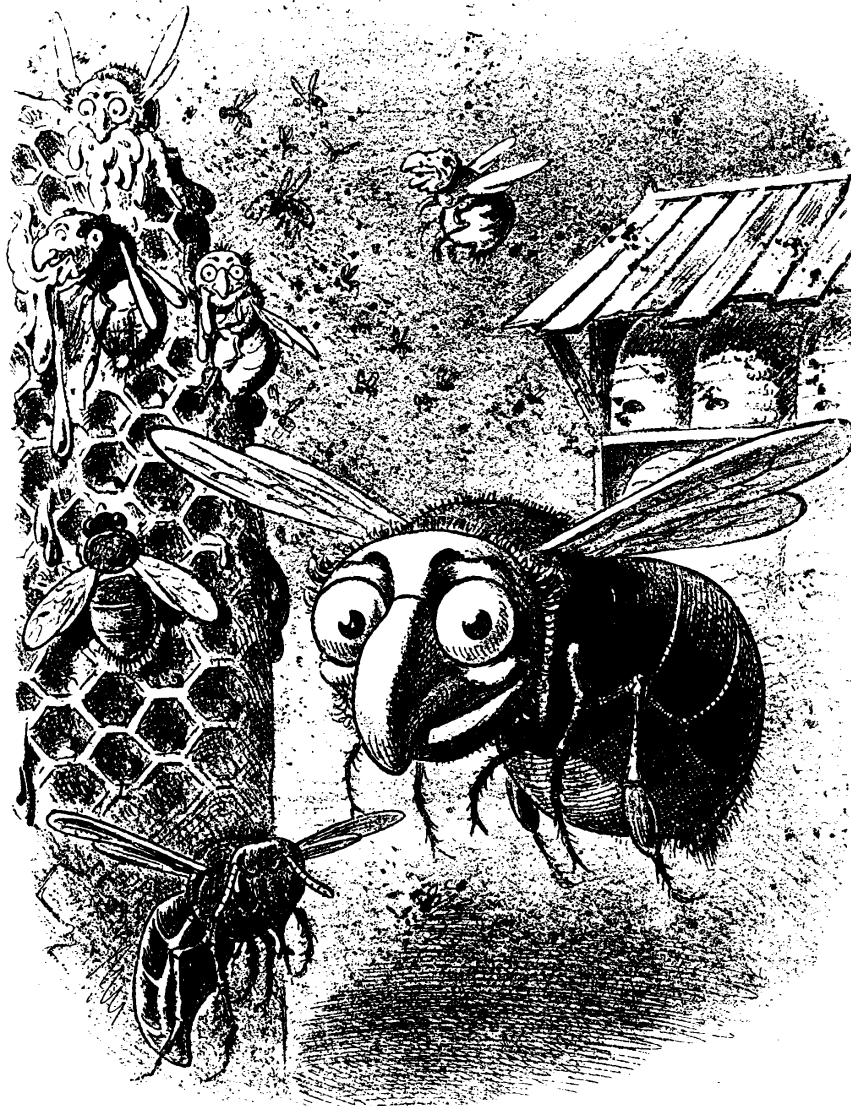
Glagau classificou os tipos de fundações de acordo com a categoria: “fundações não muito más”, “fundações bastante más”, “fundações definitivamente más” e “fundações muito más”.

Entre os grandes fundadores com milhões em ativos, ele cita o banqueiro Judeu Anton Emil Wolff (Bankhaus Hirschfeld & Wolff), o banqueiro Paul Heimann (Bankhaus Markus Nelken & Sohn), o cônsul-geral Arscher Salinger, o conselheiro comercial Wilhelm Herz, o conselheiro comercial Benjamin Liebermann, Oskar Hainauer, Julius Schiff, Kommerzienrat Meyer-Cohn, Julius Alexander, Josef Pincus (Bankhaus Feidt & Pincus), Julius Grelling (ancestral do notório pacifista Grelling!), Gustav Löwenberg, Aron Aumann, Karl Koppel. Entre as “razões decididamente más” ele lista a cervejaria Schöneberg e o proprietário da fábrica Emil Moritz Rathenau, pai do Ministro Rathenau, como estando envolvidos nisso!

Provavelmente um dos bandidos mais terríveis daquela época foi o Judeu Ian Fraenkel - essa família também chegou ao topo naquela época.

Durante esse período, grande parte da fortuna foi feita pela grande burguesia Judaica de Berlim, que estava no poder desde o início do século XX e

deu cada vez mais cara à sociedade Berlinense. A sorte dos Judeus, que tanto gostam de se descrever como "sérios", aumentou de forma considerável naqueles dias.

Uma segunda fraude, não menos bem-sucedida, foi alcançada pelo Judaísmo quando, após a partida de Bismark, o Chanceler von Caprivi aboliu as tarifas protecionistas para a agricultura e um grande número de bens e fazendas.

O enxame de abelhas

Uma nova riqueza Judaica muito considerável foi criada, e de fato em bases duvidosas, tanto que o Judeu Konrad Alberti-Sittenfeld escreveu em 1889: "Ninguém pode negar que o Judaísmo desempenha um papel destacado no pântano e na corrupção de todas as circunstâncias. Um traço de caráter dos Judeus é o desejo obstinado de produzir valores sem o dispêndio de trabalho, ou seja,

já que isso é algo impossível: a fraude, a corrupção, o esforço para criar obras artificiais através de manobras na bolsa, notícias falsas com ajuda da imprensa e meios similares, para apropriar-se destas e depois trocá-las por obras reais que podem ser criadas através do trabalho, desviando a farsa para outros , em cujas mãos elas se derretem como Helena nos braços de Fausto." Esta grande farsa não teria sido possível sem os Judeus, através da criação de "valores de papel", representante de valores que possibilitavam transportar os valores de grandes fábricas inteiras, minas, quarteirões de casas num maço de papel" (Th.Fritsch: "Handbuch der Judenfrage", 1932, p.290) para tornar a economia especulativa, tornando a ação um objeto especulativo para obter lucros intermediários e facilitar sua aquisição, se os Judeus não tivessem em grande parte a imprensa a seu serviço. Muito antes da Guerra Mundial, o Judaísmo já havia assumido o controle da transmissão das comunicações. Era dominado pelo escritório telegráfico de Wolff, sobre o qual o inglês Charles Lowe (não-judeu), correspondente de longa data do Times, disse: "Wolff é uma sociedade anônima composta por alguns dos primeiros banqueiros Judeus em Berlim e claro, basta que os membros da empresa reivindiquem o privilégio de ter primeiro acesso a todos os telegramas importantes, um privilégio cuja enorme importância para ambos os mundos da política internacional e das finanças internacionais é óbvia. Nos jornais diários, a secção de negócios era quase sempre editada por um Judeu – e muitos deles enriqueceram através da "participação secreta" nas transacções do mercado de ações. Glagau menciona particularmente os Judeus Georg Davidsohn, J. Treuherz e Julius Schweitzer - eles foram apenas os primeiros jornalistas de negócios Judeus. Provavelmente não houve um jornal verdadeiramente livre de Judeus em qualquer lugar da Alemanha desde 1880. Esta imprensa soube simplesmente manter silêncio sobre toda a fraude fundadora, incluindo a criação de grandes fortunas Judaicas: "Logo após a crise Vienense", o slogan foi emitido pela imprensa local, que é quase inteiramente pago pelas ações da bolsa: "Todos pecamos, a bolsa de valores e seus fundadores trapacearam, mas o público jogou e assim apoiou a fraude somos todos culpados uns pelos outros. É por isso que cobrimos as nossas vistas com silêncio e tentamos esquecê-las! "

Este famoso slogan também foi recebido com entusiasmo na Alemanha e variou em todos os tons. E Glagau acrescenta: "Esses sermões morais e punitivos foram proferidos pelas mesmas pessoas que acabaram de enganar o público".

A vida econômica Alemã no período pré-guerra já era dominada por Judeus influentes. Albert Ballin era diretor geral da Linha Hamburgo-América e amigo do Kaiser Guilherme II, Rudolf Mosse era dono de uma das maiores empresas jornalísticas, Leopold Ullstein outro grande dono de jornal e a família Rathenau cresceu na indústria elétrica, seguida por Félix Deutsch.

O Judaísmo obteve ganhos muito especiais na Guerra Mundial.

O controle de toda a economia de guerra por Rathenau e o seu povo significava que quase todas as posições influentes foram preenchidas por judeus que "ganharam" enormes quantias de dinheiro. A "Prova de pessoas empregadas pelas autoridades do Reich e empresas de guerra em contratos de serviços privados com um salário anual superior a 12.000 marcos" contém, entre outros, os seguintes nomes: Georg Nathan (Reichs Fischbedarf, 24.000 marcos), Melchior Schwoon (fischerei Transport-Ges., 18.000 marcos), Dr. Loeser (Reichsgraidestelle, 19.000 marcos), Schwoon (Reichsfleischstelle, 24.000 marcos), Regensburger (Kriegsgesellschaft für Driedgemüse, 18.700 marcos), Dr. Erich Salomon (Sociedades de Guerra de Alimentos Enlatados e Vegetais, 19.000 Marcos, 16.000 Marcos), Dr. Israel, Dr. Melchior Meyer, Rachwalsky (ZEG 18.700 marcos, 36.000 marcos, 37.000 marcos). . . (seguem mais 40 nomes Judeus!). Em 1906, o Prof. Ruhland estimou o tributo anual do povo Alemão aos bancos e às bolsas de valores em 9 mil milhões de marcos, baseado unicamente nos lucros provenientes de juros, prêmios, fundações e especulação, mas agora os lucros Judaicos transformaram-se num conto de fadas. Todos os postos de comando da economia Alemã foram ocupados por judeus.

À frente da notória ZEG (Zentral-Einkaufs-Gesellschaft) estava o Judeu Jacques Meyer, que foi apanhado num enorme processo por corrupção grave e incrível usura de cereais durante a Guerra Mundial. Enquanto os jornais estrangeiros reclamavam que da ZEG. Mesmo durante a guerra, impossibilitando o fornecimento suficiente para a Alemanha, outros Judeus adiaram os valores Alemães que foram tirados das pessoas famintas por importações extremamente caras.

As "filas" e a circulação de alimentos, muitas vezes sem qualquer ritmo ou razão, eram exorbitantes, mas significavam que o abastecimento normal já não era suficiente, mas o ilícito comércio Judaico estava a fazer negócios ainda melhores. Quando se tratava da admissão ou não admissão de empresas, os principais Judeus na economia de guerra tinham nas mãos a tarefa de fazer recuar as empresas Arianas e apenas admitir as Judias.

O Escritório de Supervisão Alimentar do Reich, por exemplo, era governado pelo Conselheiro Comercial Privado o Judeu Landau, que também era vice-presidente da "Associação de Ajuda aos Judeus Alemães", e os açougueiros de Berlim reclamaram em vão que os açougueiros Judeus produziam carne de primeira classe. , os padeiros de Berlim reclamaram que os padeiros Judeus que produziam o melhor obteriam farinha para suas matsás. Apenas alguns exemplos de Judaização da economia: Na Kriegsmetall-Aktiengesellschaft (Wilhelm Meister: "Judas Schuldbuch", Munique 1921, p.128) havia os seguintes Hebreus, misturados com apenas dois não-judeus: Wilhelm Aßhoff, Theodor Berliner, Dr. Hugo Cassirer, C.v. Herzberg, Arno Hirsch, Norbert Levy, Hugo Nathalis, Heinrich Peierls, Georg Schwarz, Richard Fewes, Dr. Fritz Warberg, Philipp Wieland, Leo Wreschner, August Eberhard, Dr. Walter Rathenau.

Pode-se imaginar quão benéfica foi essa posição privilegiada para os Judeus!

A pilhagem do povo Alemão pelas sociedades de guerra e o tráfico que se tornou cada vez mais desenfreado nos últimos anos da guerra foi tão grande que o Judeu Landau disse logo após a revolução de 1918 no clube dos professores em Berlim: "Eu tive a oportunidade de participar da acumulação ao inspecionar material durante a guerra. A publicação disto teria resultado em Judeus sendo espancados até a morte nas ruas. Ele lamenta que os Judeus tenham dado origem a este material e exorta-os a serem profundamente gratos aos sociais-democratas, cuja vitória teria sido a única salvação para os Judeus na Alemanha." Naquela época, durante a Guerra Mundial, começou a ascensão dos grandes traficantes. Judko Barmat, de uma família de Rabinos em Lodz, iniciou um negócio de fraudes em loterias em Amsterdã, depois negociou tulipas, casas e, finalmente, quinquilharias e alimentos. Durante a guerra, ele entregou alimentos à Alemanha a preços exorbitantes.

O Estado, as comunidades e os órgãos da economia forçada tornaram-se seus clientes. Ele acumulou dinheiro e acabou não conseguindo mais administrar o tamanho de seu negócio sozinho, então trouxe seus irmãos Isaak, David, Salomon e Herschel Barmat para o negócio. Ele "comprou" dez bancos e quarenta grandes instalações industriais Alemãs com a sua moeda estrangeira por uma ninharia de dinheiro, de tal forma que emprestou dinheiro às empresas a taxas de juro usurárias para depois apertar-lhes a garganta.

Ele se tornou o Judeu da corte

(Infelizmente esta faltando metade desta página, em todas as fontes consultadas para este documento na web, todas apresenta a mesma falha.)

Entre os irmãos Sklarz, foi principalmente Georg (Gedaljah) Sklarz quem conseguiu lucrar com a dissolução do exército Alemão. Tornou-se fornecedor do "Ordnungstruppen" em 9 de novembro de 1918; Sob a proteção do secretário de Estado Weismann (também Judeu), ele transferiu acampamentos do exército Alemão.

Seus ganhos anuais foram calculados em 3 milhões de marcos de ouro. Seu amigo próximo era o Judeu Parvus-Helphand, que estava por trás de muitos casos de corrupção e exibia um luxo de contos de fada. Richard Kahn e Jakob Michael fizeram grandes fortunas de maneira semelhante; Richard Kahn, por exemplo, conseguiu celebrar um contrato com a "Deutsche Werke", a maior empresa de armamentos do Reich, ao abrigo do qual os milhões de dólares destas obras lhe foram transferidos ao preço da sucata. Os lucros que ele e seus parceiros obtiveram são simplesmente inimagináveis.

Lee, Mar e Willi Sklarek eram originalmente Judeus bastante pequenos em Berlim. Graças às suas "boas ligações" com a administração da cidade de Berlim, conseguiram obter todos os fornecimentos de vestuário da cidade de Berlim, as roupas da polícia, dos beneficiários de apoio e dos funcionários da eléctrica e do metro. Eles corromperam tão profundamente a administração da cidade de Berlim que pagavam contas fictícias no banco da cidade sem problemas; Quando finalmente faliram, de acordo com o padrão experimentado e testado, o banco tinha perdido 12,5 milhões de marcos, o paradeiro de outros ativos no valor de 6 a 10 milhões de marcos já não podia ser determinado e, através de mil canais, ativos outrora Alemães tinham sido roubados e novamente passado para mãos Judaicas.

Todos estes, Barmat, Kutisker, Holzmann, Michael, Sklarz e Sklarek foram apenas as pontas de lança da campanha dos grandes bandidos contra o trabalho Alemão. Ao lado deles estava a enxurrada de pequenos e grandes aproveitadores Judeus cujos nomes não apareciam em todos os jornais. Pode-se também expressar um pensamento: se o Nacional-Socialismo não tivesse surgido e não tivesse vencido, mas a "República de Weimar" tivesse sido capaz de resistir por algum motivo, então, depois de algumas décadas, a história de todas essas fraudes teria sido coberta exatamente da mesma maneira, a origem dessas fortunas Judaicas foi coberta pelo véu do esquecimento, da mesma forma que foi o caso das fortunas da era guilhermina. Os descendentes dos Kutiskers, Barmat, etc. um dia serão conhecidos como "riqueza Judaica antiga e estabelecida" foram vistos como os Rothschilds, Mendelsohn e seus semelhantes. Mas havia também outras formas de emprego Judaico através das quais o Judaísmo ganhava muito dinheiro, especialmente depois da Guerra Mundial. Tais aquisições incluem o comércio proibido de drogas, praticado particularmente por Judeus. Em 1929, dos 348 traficantes internacionais de drogas, 98 eram judeus, ou seja, 28 por cento, correspondentemente, dos 32 médicos viciados em drogas em Berlim em 1929, 9 eram Judeus, ou seja, 28 por cento. Mas o comércio de drogas fez com que os Judeus

sempre rendeu muito dinheiro. Dos trapaceiros internacionais presos em Berlim em 1933, um total de 88, 55 eram Judeus, ou seja, 62 por cento (cf. J. Keller e Hanns Andersen: “The Jew as a Criminal”, Nibelungen-Verlag 1937). O dinheiro dos advogados Judeus é em grande parte ganho pela defesa de Judeus criminosos e pelo aconselhamento sobre “negócios” Judaicos. Roubar bens roubados sempre foi e continua a ser um crime Judaico especial, cometido em Berlim, tal como na Idade Média, especialmente por Judeus locais. O detetive inspetor Liebermann von Sonnenberg diz: “A propriedade roubada que desaparece nestas áreas residenciais de Judeus estrangeiros só pode ser imaginada por alguém que trabalhou nesta área durante anos, e mesmo a sua imaginação dificilmente pode ser totalmente compreendida pela realidade.” É claro que um

Você também tem que aprender a “treinar tagarelas”.

depois da Guerra Mundial não puderam ser recuperados pela polícia e, portanto, ainda fazem parte da riqueza nacional Judaica.

J. Keller e Hanns Andersen (aposentado) resumiram muito corretamente as várias formas tortuosas de aquisição que os Judeus realizaram, em sua maioria sem serem capturados e impunes: “Fraude em troca, de trabalho, serviço, aluguel, arrendamento, contrato de empréstimo; Fraude com pedras preciosas. Venda de bens sem valor, a “esponja”, fraude em transações com títulos, ações, cupons de juros, letras de câmbio, cheques, cadernetas de poupança, cartas hipotecárias, notas de penhores, depósitos, incorporações, balanços, fraudes em seguros, fraudes em casas de apostas, fraude em empregos, habitação, casamento, títulos e colocação de medalhas, fraude em hotéis, festas, fraude lógica, golpes em fazendeiros, fraude em raridades e antiguidades. . .” Além disso, a falsificação de documentos, os crimes de falência, a falsificação de dinheiro, o método particularmente popular de “falência”, a fraude de empréstimos, na era da habitação

um meio Judaico popular de ganhar dinheiro era abrir escritórios para vender apartamentos - primeiro os compradores teriam que pagar um adiantamento considerável - e então nada mais seria ouvido! Da mesma forma, os requerentes de empréstimos eram frequetemente lesados pelos Judeus. Os termos usados para trapaças eram em grande parte derivados do Hebraico, um sinal de quão fortemente Judaica era esta aquisição criminosa .

Se examinarmos a história da formação da riqueza Judaica, notamos imediatamente, em contraste com outros povos, uma estrutura completamente diferente da riqueza Judaica, na verdade, da riqueza nacional Judaica. Há também usurários, fraudadores e bandidos entre outros povos, mas eles encontram exceções, se forem descobertos, caem no desprezo geral e geralmente prejudicam primeiro o seu próprio povo; A sua actividade não é uma contribuição para a formação da riqueza nacional, mas simplesmente representa uma verdadeira “mudança” na riqueza nacional, das mãos dos honestos para as mãos dos desonestos.A esmagadora maioria da riqueza nacional dos povos não-Judeus consiste nos resultados do trabalho físico e mental, da transformação das substâncias dadas pela natureza em bens de consumo para as necessidades humanas através da adição de trabalho humano.

Comparado a isso, a parcela dos valores da riqueza nacional Judaica criada através do trabalho real é relativamente menor, na medida em que os produtos do trabalho de não-Judeus são acumulados nela em uma extensão muito maior - com exceção de um poucos artesãos Judeus ou Judeus que praticam profissões diretamente produtivas. No entanto, apenas uma parte era paga como pagamento por desempenho Judaico genuíno, por exemplo, como pagamento por algum trabalho Judaico que era valorizado na época (honorários médicos, lucros comerciais normais, etc.) - em contraste, a parte das coisas em A criação de riqueza Judaica é desproporcionalmente grande e foi obtida de maneira ilegal e imprópria.

Vimos como, mesmo nos tempos antigos, as preocupações mais sérias foram expressas sobre a honestidade da riqueza Judaica, fomos capazes de rastrear a formação da riqueza nacional Judaica em solo Alemão desde o comércio de escravos dos séculos VIII e IX até o interesse; e o monopólio de bens roubados do início da Idade Média para cortejar o Judaísmo, as grandes gangues Judaicas de bandidos, depois através dos Rothschild e das hienas da liberdade comercial até o período de fundação e depois através da Judaização da vida econômica antes da Guerra Mundial, através da inflação, deflação e outros bandidos até o presente. Uma porção muito significativa da riqueza nacional Judaica, tal como está nas mãos de famílias Judias, foi criada de uma forma duvidosa, ou francamente criminosa, ou de outra forma, pelo menos, altamente questionável. Isto por si só - independentemente da utilização de bens Judaicos como uma arma política que o Judaísmo poderia usar a qualquer momento - resulta no direito e no dever do Estado Nacional Socialista de controlar estes bens Judaicos, pelo menos na sua utilização. Também fica claro quão injustificado é o barulho dos Judeus

Caricatura dos métodos de emprego judaicos do início da era antijudaica, por volta de 1880.

Caricatura dos métodos de emprego judaicos do início da era antijudaica, por volta de 1880.

É claro que quando emigram não recebem todos os seus bens ou são-lhes impostas multas como um todo, mas uma coisa é pelo menos clara: quando tomada em média no Judaísmo, uma proporção mais ou menos grande desta riqueza não foi adquirida honestamente. Nosso povo não esqueceu a imagem daqueles Judeus que vieram ao nosso país durante e depois da guerra com cafetã, botas de cano alto, barba longa e “peicelocks” alguns anos depois, muito elegantemente como “comerciantes modernos” nos melhores ternos , reapareceram nos melhores apartamentos, nos bairros mais elegantes das nossas cidades, sem terem dado qualquer contribuição útil à nossa economia nacional, mas simplesmente enriquecendo da forma mais duvidosa à custa do nosso povo.

A história da criação da riqueza Judaica pertence apenas parcialmente à economia ou à história financeira, mas em grande parte à história criminal e à sociologia criminal. Nós, Alemães, reconhecemos isso. No dia em que outros povos também reconhecerem isto, o trabalho honesto no mundo alcançará uma das suas maiores vitórias e esses outros povos também agirão para tornar impossível aos Judeus acumularem riqueza parasitária à custa dos trabalhadores.

É claro que os Judeus gritarão nas palavras do velho Rothschild: “Quem quer que pegue o meu dinheiro, leva a minha honra!” - mas é isso que acontece quando, durante milhares de anos, as pessoas fizeram do dinheiro a sua honra, da usura a sua arma e do ódio aos povos criativos a sua estrela-guia!

Was jeder vom Weltjudentum wissen muß!

Judenfibel

Von Dr. Walter Wache

RM. 1.–, ab 25 Stück 90 Pf.; ab 100 Stück 80 Pf.

Die Judenfibel ist keine Zusammenstellung von Zahlen und statistischem Material, gibt vielmehr eine allgemeine umfassende erste Einführung in diese so wichtige Frage, einen Gesamtüberblick über das ganze Gebiet und setzt den Leser in den Stand, sich ein eigenes Urteil zu bilden.

Kaiser und Jude

Der Untergang der Romanows
und der Ausbruch des Bolschewismus durch das entfesselte Judentum

Von F. O. H. Schulz

RM. 1.20

Geben Schwartz-Bostunitsch und Wache einen Gesamtüberblick über die Judenfrage, so gestaltet Schulz einen geschichtlichen Ausschnitt in geradezu dramatischer Lebendigkeit und zeigt uns ein Bild von Staats- und Gesellschaftsunterwühlung, von Bestechung, Mord und Korruption, so daß sich das Ganze liest wie ein abenteuerlicher Kriminalroman. Das Ende ist der Untergang des größten Reiches der Erde, die Vernichtung eines Kaiserhauses, das unsagbare Elend eines ganzen Volkes.

Hier abtrennen!

An den

Theodor Fritsch Verlag

Berlin NW 40

Paulstraße 22